

Editora Boca Ltda.
beijo

março de 1978

Cr\$15,00
No 4

MOVIMENTOS ESTUDANTIS

QUE NOVOS FILÓSOFOS QUE NADA!

O TAMBORIM QUE ENSURDECE...

MOVIMENTO (S) ESTUDANTIL (S)

desafinando o coro dos contentes

Transcrevemos aqui o resultado de aproximadamente duas horas de conversa entre dois jovens que viveram as mobilizações políticas do ano passado. É um papo sobre movimento estudantil e assuntos correlatos. Esta matéria não tem a intenção de transmitir a "visão dos estudantes", "o que os estudantes estão pensando" ou coisa do gênero. Também não reflete a variedade de posições existentes do movimento.

Nota: Foram utilizadas as seguintes abreviações:

ME — movimento estudantil
MO — movimento operário
PB — pequena burguesia

cartas de um recluso 1

(observando a mina na dança) ao mesmo tempo, movimento social esquerda revolucionária e pinta o lance obrero, tempo integral, desvio de classe, entrar pra produção obedecer regras do manual de boas maneiras para com operários. chorinho. casais roçando no suor da sala, copacabana ao longe, ele encaixa bem. muitas vezes, competimos pra ver quem leu mais vladimir. ontem, eram os mais direitistas que mais o invocavam. fiquei invocado. como sujar-se nas eleições sem doutrinar?! "ora, lê o esquerdismo" (gesto blasé de quem sabe). a gente não resiste aos stones, hein, dois anos de análise te relaxaram mesmo. os esforçados tentam entrar na de godard e lacan. fora isso, alegres torneios do movimento estudantil. atenção, concentração, e aí, vanguarda, convivermos com a graça e a beleza da juventude pequeno-burguesa, nós mesmos, cenas de teresopolitana, petropolitana, friburguense, itaipavense (waly). são lourinhas, moreninhas, narizinhos arrebitados, bundinhas celestiais empinadas, lombos d'outre mer, é muita mulé, isso pra não falar dos rapazitos. delícias tom e luz, fumo brilho bola, a vanguarda vive seu cotidianozinho bifacético. grave acusação no circuito da fofoca: não se pode confiar em XYZ, não acho que ele vá pegar em arma na hora da insurreição. crescem as hemorróidas nas intermináveis reuniões, a que os certos comparecem contritos. os certos: os caras legais, os bons, os picões,

quatro estrelas, são estrelas, e mais espessa a manifestação melhor a oratória. los descamisados! a consciência obsessivamente cultivada se entranha nas ações e nas mentes. corações. penetrar as massas. a banda de música da revolução: fogos de festim no ar obscuro do longo refluxo.

(leôncio kracauer)

nota: o autor é um jovem e precoce poeta baiano que se encontra atualmente foragido na nicaraguá.

(Dois pequenos-burgueses entregam-se as recordações do passado recente

1. Diz aí o que você entende por "estudante avançado"...
2. Pois é... tem certos chavões, né?

1. Você acha que existe realmente "estudante avançado", "estudante atrasado", que o "estudante atrasado" seria mais "burro", ou mais alienado que o "avançado", ou coisa assim? Você acha que existe realmente "estudante avançado", "estudante atrasado", que o "estudante atrasado" seria mais "burro", ou mais alienado que o "avançado", ou coisa assim?

2. Eu acho que não. Essa linguagem desgastada da esquerda não é só resultado de uma situação que a gente tá vivendo, em que a dita "vanguarda" se assume enquanto vanguarda, ou pelo menos se assumiu por um bom tempo, independente de qualquer movimento, apenas por sustentar um conhecimento teórico, teses sobre a transformação da sociedade brasileira, etc. São termos que são usados num nível até conceitual. O Mandel, por exemplo, usa esse tipo de categoria...

2. Mas a própria escolha dos termos já é bem sintomática...

1. É bem sintomática. Por exemplo, ele usa coisas como "operário avançado", "massa atrasada" e tal. Eu acho que revela uma certa super-estimação de grupos, muitas vezes meramente intelectuais ou estudantis, que se autoneoiam grupos revolucionários e que, num delírio, se acreditem futuros partidos da classe operária, etc. etc.

2. É verdade que pegando só esses termos eu estou reduzindo um pouco a questão. Na verdade estou fazendo assim...

1. ...um jogo.

2. É, um jogo. Mas isso tem muito a ver com toda a questão da teoria da organização. Já indica um caminho, a nível de ato falho... Por exemplo, a teoria leninista da organização deu numa merda, né? É mesmo que a gente não possa dizer que a burocratização do Estado Soviético tenha raízes apenas nessa teoria da organização, sem dúvida alguma, o problema da organização do partido na União Soviética se deu dessa forma também por falta de discussão quanto à aplicabilidade da teoria leninista, num caso em que já existe hegemonia das classes populares na sociedade. Como você vai permitir a participação de todas aquelas camadas que foram observadas, quer dizer, a "massa atrasada", a "massa avançada"...

1. Essa questão de "massa atrasada" poderia ter um referencial de mobilização. A massa dita "atrasada" seria aquela que se manteria a parte das mobilizações e das reivindicações...

2. ...ou que ficaria apenas ao nível econômico.

2. Mas o problema é que isso daí já é um conceito, nesse nível, questionável. E fica mais agravado quando o parâmetro passa a ser, na medida em que não há uma concordância teórica na esquerda, uma "teoria própria", como numa formação de seitas em que os participantes de uma determinada seita acreditam que os de são "atrasados..."

1. ...ou errados.

2. Você passa a deter o poder de determinar quem é "atrasado" e quem é "avançado". Não é uma coisa da esquerda no Brasil, é uma coisa mais geral, mesmo. Um problema de sectarismo, uma certa pretensão.

1. Eu queria que você falasse da atual relação entre as vanguardas e as massas estudantis.

2. Pegando a reconstrução do ME, num primeiro momento, a gente observa diversas tendências buscando um acúmulo de forças próprio: "o movimento é de acumular forças, não se tem movimento, as entidades estão destruídas, a repressão tá num nível fortíssimo..."

1. Quando foi isso exatamente?

2. No dito período de descenso.

1. De 68 até bem pouco...

2. É, basicamente. Acúmulo de forças na parcela dita avançada. Ou seja, nos estudantes que estavam colocando discussões, se questionando em relação ao poder na sociedade brasileira e tal. Pois bem, do ponto de vista do conjunto dos estudantes, a coisa era bem diferente: esse tipo de discussão passava bem longe, muito longe mesmo. O que se tinha era uma universidade apática, o controle burocrático das entidades estudantis, por estatuto transformadas em associações de caráter assistencial, uma coisa que não tinha nada a ver com entidades que levassem lutas e reivindicações estudantis. Mas a retomada do ME passa também por uma discussão conjuntural, a abertura de uma crise econômica, a burguesia rachando prá lá e prá cá, e a insatisfação, é claro, alcançou os estudantes. No Rio, ele se mostrou inicialmente em questão como o aumento de taxas e anuidades escolares, uma coisa diretamente ligada ao problema que a crise tava colocando: uma insatisfação ao nível do consumo, da impossibilidade de manter o padrão adquirido no período Médice... Desse tipo de manifestação, nitidamente econômica, pra luta política, o caminho é curto. Essa é uma coisa que acontece particularmente num Estado ditatorial, com a repressão presente e forte: inicia-se, por exemplo, uma greve como a da PUC/RJ, contra o aumento das anuidades e imediatamente se coloca o problema da repressão. Faz-se uma assembleia e ela é proibida pelo reitor, alunos são suspensos...

1. A repressão politiza as lutas...

2. Exato. Já se coloca imediatamente o aspecto autoritário da universidade, a ameaça do 447 sempre pinta... Ou seja, uma luta meramente econômica esbarra logo nos aspectos autoritários da universidade e do regime militar. Esse tipo de coisa permitiu um salto à luta política. Em abril houve no Rio essa luta contra as anuidades e por mais verbas, em São Paulo também, uma greve de não sei quantos estudantes, passeatas, etc. e no mês seguinte se deu a maior manifestação

estudantil do ano, que foi a manifestação contra as prisões de operários no Primeiro de Maio em S.P. Com a retomada das mobilizações, a vanguarda, então autônoma, encontrou um espaço no movimento pra se legitimar. Agora, é uma coisa que tem pintado de forma bem diferente de 68. Por exemplo, você hoje não tem os ditos líderes estudantis como uma coisa individualizada, não sei se é por um movimento ainda incipiente ou se, felizmente, não vai dar nisso, tipo aquelas quase carismáticas... Mas você tem uma parcela que se organiza em torno de uma chapa, de um programa político, que concorre às eleições das entidades estudantis e que é reconhecida como uma parcela que vanguarda as lutas. Vanguarda na medida em que é responsável pela propaganda, pelas propostas, e que tem uma perspectiva de condução de lutas. E isso daí é reconhecido e só pode ser reconhecido num movimento vivo. A retomada

desse movimento em 77 favoreceu essa ligação. Isso não quer dizer que se tenha resolvido esse problema do relacionamento das vanguardas estudantis com o conjunto dos estudantes. A massa estudantil mantém as estratificações, tem uma parcela enorme, muito grande mesmo, e, se considerada em termos nacionais, pode-se dizer até a maioria, que se manteve à parte das manifestações durante o ano.

1. Você acha que essa parcela, com a radicalização, pode ser ganha para propostas de direita? Se a direita se prontificasse a se organizar dentro das universidades, ela poderia ganhar essa massa? Por exemplo, recentemente dois diretórios da USP foram ganhos pela social-democracia, o que já revela que uma tendência, digamos assim, mais moderada, que se dispõe a se organizar, em pouco tempo ela consegue bons frutos. O ME é um movimento pequeno-burguês e a tendência da pequena burguesia é, muito freqüentemente, aderir à direita. Em 64, por exemplo, a PB aderiu em bloco à "redentora", né?

2. Mas você tem que fazer uma diferença dentro da PB: a PB estudantil, a PB proletarizada, a PB assim assado... Ela não é um bloco. O ME no Brasil e mesmo historicamente não tende para as propostas de direita. O estudante tem uma situação específica, bem demarcada, ele está numa fase mais ou menos livre, não está engajado na produção, tem acesso a determinados saber e tudo mais. Ele tem contradições ideológicas com a dominação burguesa, no caso do Brasil, o regime ditatorial. Tudo isso favorece que ele se coloque mais à esquerda. Agora, a influência, não digo de direita, mas liberal... tranquilo. O ME vem obedecendo a uma dinâmica de lutas em que há um determinado ascenso, toma pique, até esbarrar em alguns limites, para depois recair, entrando num período de refluxo, sem mobilização nenhuma. Geralmente nesse período a influência liberal campeia.

1. Sobre essa dinâmica de afluxo/refluxo, houve uma certa diferença em S.P. Em S.P., pra cair num refluxo demorou mais do que aqui.

2. S.P., mais, teve um pique melhor... Tem mil condições específicas de S.P.: o

grau de repressão foi menor em 68, a destruição das entidades não se deu de forma tão violenta como no Rio que era o centro do ME na época. Mas também lá essa questão se coloca. Essa dinâmica de afluxo/refluxo, marcada por um certo desgaste, foi uma coisa que, mais ou menos, balizou o ME como um todo. As lutas ascenderam e esbarram em certos limites conjunturais, talvez o principal deles seja a ausência de um movimento popular, um movimento operário, organizado para além do controle burocrático ou ideológico da burguesia. Isso daí dificulta a continuidade das lutas do ME. Não há um espaço de canalização. Quer dizer, até onde ele vai? A repressão prende um cara, os estudantes se mobilizam, mas isso daí vai até que ponto? Tem um limite. Não dá pra ir num crescendo até a tomada do poder... O ME por si tem seus limites, não pode nunca assumir uma ação nesse nível.

1. Você acredita que o ME pode puxar o MO?

2. Não. Pode ter no máximo o papel de desgastar o regime, de fornecer um referencial, nesse momento, mais radical à PB e se constituir num pólo de oposição diferenciado do liberal. No mais, fica na esperança do MO, que o coloca num papel meramente auxiliar e secundário no processo de transformação social.

1. Mas ele está mostrando capacidade de puxar outros movimentos de PB, abrindo espaços pras parcelas mais mobilizadas de várias categorias... A PB se organiza atualmente em torno de categorias profissionais, geralmente colocando reivindicações econômicas, sindicais. Mas é uma parte muito diminuta da PB que tem essa consciência sindical e ela só pode se organizar em 77 graças aos espaços fornecidos pelo ME. Já havia núcleos de pessoas que tentavam participar, mas não havia a menor ligação entre esses núcleos de uma possível vanguarda da PB com as pessoas que podiam ser ganhas imediatamente, as parcelas ditas avançadas... e muito menos com as grandes massas. Pra estas, aliás, nem mesmo se colocam as questões econômicas. Por exemplo, esse aumento de 38% que o governo deu, muita gente acha ótimo. Mesmo essas parcelas avançadas, elas só se mobilizam por questões econômicas. Os movimentos da PB estão também muito estanquizados. Sem o ME, talvez não houvesse o menor traço de unificação. A PB é uma PB que hoje no Brasil passa pela universidade para adquirir treinamento. Então, o ME toca ela muito de perto, poucos são os pequenos-burgueses que não têm pelo menos um parente na universidade. De algum modo, existe um reflexo sobre as massas pequeno-burguesas de qualquer acontecimento dentro da universidade. Agora, os reflexos que a gente tá começando a ver, é uma coisa que eu tenho pensado ultimamente, não se dão tanto na adesão a movimentos que atuem nas oposições sindicais... Tem-se dado no próprio surgimento de grupos que se mobilizam espontaneamente, muitas vezes à revelia de... São grupos de professores — é o caso que eu conheço melhor — que trabalham, por exemplo, em subúrbios ou em favelas e que estão

começando a ter certa organização, soltam boletins, etc. Começa a haver uma maior agitação dentro das escolas, dentro das empresas — isso existe também em outras categorias profissionais — os caras se organizam pra conseguir um aumento, geralmente não conseguem, mas isso revela que tá se espalhando essa consciência de organização, apesar das dificuldades.

COMO DESORDENAR?

2. A gente podia pegar o que a gente falou e procurar ter uma visão crítica disso. A gente já parte de uma porrada de coisas a priori, a gente já tem uma linguagem viciada, joga com uma série de estereótipos. A participação mais constante, mais próxima das tendências à esquerda, impõe uma certa norma de linguagem.

1. É. Inclusive esse negócio você geralmente não discute porque conquistar essa linguagem já significa você estar contestando toda uma linguagem do Sistema. É lógico que qualquer linguagem, isso aí Foucault diz, né?, impõe uma ordem, todo discurso já surge enquadrado. Por outro lado, existe a Ordem com "O" maiúsculo, muito mais sentida, que é a ordem da exploração, da opressão social. O problema que a gente pode pensar é esse: vamos ver se a linguagem utilizada pela esquerda é tão livre assim, tão contestadora da linguagem da Ordem com "O" maiúsculo. Se a gente aceitar a proposição de Foucault, existe um ponto em comum entre as duas, elas estão enquadrando você, estão enquadrando teu pensamento, portanto tua ação.

2. O problema é que a linguagem da esquerda já está de certa forma mitificada, já é uma coisa estabelecida, codificada. A fala da "massa", da "massa avançada", da massa-não-sei-o-quê. Joga-se com termos codificados, inclusive do lado da ordem. E retificar isso é ratificar uma série de práticas na esquerda que são pouco discutidas.

1. Eu acho que o problema não é apenas em termos de linguagem codificada. Pelo menos, não é o problema imediato que se coloca quando se começa a pensar sobre isso. A coisa é bem mais concreta, é o problema de quem detém a linguagem. O que significa pra você engajar? Por exemplo, você é um estudante universitário, uma pessoa que tem uma determinada consciência política, então você quer se engajar num trabalho político dentro do campus, então você vai e procura seu diretório, procura as pessoas que já detêm a linguagem da contestação. O problema começa por aí, pela tua relação, pela experiência do cara novo, que chega, que tem uma certa consciência, muita vontade de participar, tem muita combatividade e tudo... Como ele vai ser domado pra essa linguagem? Ele precisa ser domado, precisa ser "educado" pra essa linguagem. Então, o problema é de como vai se dar o relacionamento entre, digamos, as "altas patentes" da esquerda e as "baixas patentes". Na medida em que é necessária uma pedagogia, na medida em que o processo que você está sofrendo é não só o processo de contestação ao sistema mais geral, mas também o processo de aquisição de

uma linguagem codificada, surge o perigo de se estabelecer uma relação autoritária entre o novato e o veterano. Quer dizer, a gente viu que existe uma linguagem que significa uma ordem, portanto um código que você tem que assimilar através de uma disciplina. Agora, se você pegar o código da esquerda e o código da Ordem, você vai ver que o código da esquerda pretende contestar, destruir, abolir, aniquilar... ele tem um papel subversivo dentro da sociedade, um papel de subversão da Ordem. Esse código da esquerda que você está adquirindo é altamente perigoso pra quem detém o poder da sociedade. Mas, ao mesmo tempo, a gente viu que, na medida em que há um código sendo transmitido, coloca-se o problema do relacionamento entre os transmissores e os receptores do código. E também a nível das relações entre a dita vanguarda e as ditas massas essa questão vai novamente se colocar.

2. Essas relações são dificultadas por isso, né?

1. É, porque a maneira usual de você transmitir uma linguagem é impondo ela. Abrindo pra criatividade individual, você pode perder em homogeneidade coletiva. E a única forma da esquerda se comportar frente ao poder, que é uma coisa extremamente centralizada e racional na perseguição, é através da homogeneização. Quer dizer, no próprio movimento de contestação, você tem um movimento de grande repressão interna.

2. Você vê, a maneira como nós falamos anteriormente é muito condicionada, tem um espaço marcado, dá naquela coisa do já ouvi falar nisso, é um troço repetitivo, estereotipado, é sempre assim que se fala: "levantar bandeiras", "as grandes massas", toda uma série de estereótipos de que a esquerda não se desvencilha. É engraçado ver no ME estudantes, novos, com uma linguagem que não se sabe onde adquiriram. De leitura? De textos ditos clássicos do marxismo? De políticos mesmo? A linguagem penetra, passa a exercer um papel, é como se ela fizesse parte... Faz parte de ter uma atuação política de esquerda assumir uma determinada linguagem assim e assado, e isso aí se entende mesmo à questão de uma prática de vida e o cacete. Normalmente não se fala assim, se você está discutindo outro tipo de coisa você fala diferente.

1. É, mas a gente não pode ser tão rigoroso assim — por isso mesmo é que eu acho que a questão não é propriamente a da linguagem. É uma questão mais ampla, é uma questão de relações de poder, de democracia interna, etc. e tal. Afinal de contas, existe jargão pra sexo, existe uma linguagem ordenada pra você falar de experiências pessoais.

2. Mas nesse caso não é uma linguagem "política", que pretenda uma subversão.

1. Depende, depende. Na época do movimento hippie as pessoas pretendiam uma subversão dos costumes e elas exerciam uma repressão interna talvez maior ainda do que a existente na esquerda.

2. É possível...

1. Por exemplo, o "careta" era muito pior que o "jovem alienado", porque o jovem alienado é sempre ganhável, conforme a

capacidade de fazer proselitismo, já o careta não, ele era isolado. Então tudo isso é muito relativo. Não se pode ficar só na questão da linguagem, sob pena de se cair no formalismo. Tem que se ver como a coisa se dá nos níveis mais práticos. Você não pode escapar do fato da linguagem ser um ordenamento; agora, você não ficar no imobilismo por causa disso. O negócio é discutir a democracia interna, a liberdade de expressão, a relação entre os "big-shots" e os "small-shots" da contestação.

MISTIFICAÇÃO: AVESSO DO MITO

2. *Saiu no AVESSO um artigo de um cara... Andreas... sei lá, uma matéria com nome de "Santo Guerreiro" ou coisa*

juventude pequeno-burguesa de 77 tem uma bagagem própria de experiências, a vivência dela foi diferente da que estava na universidade em 68. Uma parte da juventude pequeno-burguesa passou, de uma forma ou de outra, pela experiência do desbunde, da contracultura, tornando-se necessário pra ela pensar mais à sua prática de vida, questionar comportamentos. É claro, a grande massa tá alienada, segue o cotidiano discriminado pelo Planalto e pelas agências de publicidade: vai à praia, compra Omo porque lava mais branco, compra Chevette pra passear em São Conrado que é a Zona Sul passada a limpo, etc. e tal. Vive em torno desses valores. Mas pelo menos entre as pessoas que refletem sobre sua prática de vida não existe apenas a pressão do discurso da

de, contas, tudo isso é muito poético. O AVESSO não abre espaço somente pro discurso de esquerda, é um jornal que abre espaço pro discurso da juventude universitária, então você vê nele todo um lado de desmistificação das lideranças de esquerda. De onde vem isso? Não é dos escritores e teóricos anarquistas, que ninguém por aqui lê, é justamente da própria experiência comportamental da juventude pequeno-burguesa.

2. *E que, diga-se de passagem, é uma boa esse tipo de postura.*

1. É uma boa. O problema é não transformar isso numa forma de imobilização da tua participação, o que acontece muito, às vezes sob uma capa de rebeldia ou livre-arbítrio, esses papos. E existe o outro lado: nas parcelas avançadas, na

2. *Esse tipo de formulação, além de excluir que possa vir de fora uma teoria revolucionária, dá prioridade à luta espontânea, cai no espontaneísmo.*

1. Transforma a luta espontânea numa espécie de deus ex-machina. O espontaneísmo tá muito próximo ao misticismo político. Pedindo desculpas pelo uso dessa duvidosa categoria, o "objetivo", a verdade é que a classe operária é objetivamente revolucionária. Quer dizer, uma análise materialista e livre de ideologia burguesa da sociedade capitalista mostra que a classe que tem condições de, assumindo o poder, acabar com o tipo de exploração e opressão contido no modo de produção capitalista é justamente a classe operária. Mas isso não quer dizer que o João das Neves, fresador da

*É engraçado ver no ME, estudante, novos,
com uma linguagem que não se sabe onde
adquiriram. De leitura? De textos ditos
clássicos do marxismo? De políticos mesmos?
A linguagem penetra, passa a exercer um papel
é como se ela fizesse parte...*

parecida, em que o autor se colocava numa posição de estudante, fazendo parte de um corpo de pessoas ali sentadas, uma assembléia, e colocava a relação de poder que os participantes assumiam nela, o problema de se apoderar dos corpos dos estudantes, dos desejos, de impor uma relação, uma determinada prática aos estudantes que não corresponderia a um desejo, mas a uma apropriação, inclusive ele entrava na própria organização espacial ali, a mesa e tal... e o que ele dizia é que se acabava reproduzindo mecanismos de poder próprios da burguesia.

1. Mitos e ritos, inclusive. Apareceu um exemplo típico disso naquele filme, o "25", onde pinta o Samora Machel chegando ao aeroporto da capital e sendo recebido por uma tropa em formação, com hinos tocando: um rito característico da dominação burguesa, um rito que marca, além de outras coisas, a separação entre massas e dirigentes. Sendo reproduzido por um governo que acaba de chegar ao poder por uma revolução, que deveria explodir com essas coisas por dentro.

2. *Pois é. Voltando aí ao lance que esse cara escreveu no AVESSO...*

1. Só uma coizinha: o ME de 77 teve um troço diferente de 68: é secundário, mas talvez tenha um certo peso nesse problema da relação massa-vanguarda. É que a

esquerda, mas existe também a pressão do discurso do desbunde.

2. *Não só do desbunde...*

1. ... uma série de concepções que também já estão codificadas, que estão aí atuando. Este código do desbundante exerce uma pressão sobre o código de esquerda. Então, por exemplo, você pega o AVESSO que você vai ver na verdade são ecos dessa experiência: num momento político de refluxo muito grande, uma parcela da juventude pequeno-burguesa partiu pruma experimentação vivencial muito grande. Só uma pequena minoria chegou a levar isso às últimas consequências, conseguindo romper com uma série de relacionamentos autoritários de pessoa a pessoa, com uma série de preconceitos que existiam e existem dentro da própria juventude pequeno-burguesa. Formou-se uma microideologia comportamental que se choca frontalmente com os aspectos autoritários do código da esquerda. Em 68 é bem provável que mesmo as pessoas "alienadas" tivessem vergonha de declarar uma coisa que atualmente todo mundo declara, desde que não seja da vanguarda, que é que assembléia é um saco, que não tem mais saco pra participar dessas coisas. Atualmente pode-se falar em termos mais pessoais, comportamentais, existenciais, o que seja: houve abertura pra isso e, afinal

vanguarda, é cultivado com prazer o mito do militante. Estão todos inseridos numa prática pequeno-burguesa da raiz dos cabelos até o dedão do pé, mas parece que fazem questão de antecipar o momento em que vão fazer o tal desvio de classe, tornam-se operários de fantasia, ou missionários. Na verdade, o que deveria ser feito era uma campanha de desobrerização e desmistificação de comportamentos, que tem muito a ver com uma postura antiautoritária e com uma campanha por democracia interna.

2. *Campmnhã por democracia interna.* Gostei. E também acho que tem uma série de equívocos nesse negócio de obrerização. Serve muito de justificativa à não participação, no discurso tipo existencial, o discurso da impossibilidade do pequeno-burguês, no caso o universitário, ter uma prática e ter uma ideologia dita operária, colocando isso aí como se fosse necessário a uma prática revolucionária. Parte-se do pressuposto de que quem faz a revolução é o tipo operário, portanto o revolucionário é o operário, portanto o estudante, que não pode ser operário, não pode ser revolucionário. Isso justifica o imobilismo.

1. Esquecem que a teoria revolucionária mostra que a consciência revolucionária vem de fora, não de dentro.

Villares, vá ser o novo modelo de comportamento pra quem tem essa compreensão objetiva. Pelo contrário, o que se quer é que se desenvolva uma consciência revolucionária tanto naquele cara que pensa sobre esses assuntos quanto no fresador. Ou seja, uma mudança nos dois pruma terceira coisa, e não a justaposição de um sobre o outro. Mas o problema hoje, mais que o obrerismo de alguns, é o mito do militante.

2. *Só que a crítica a esse mito cai muitas vezes noutra mitificação: a do operário, a do espontaneísmo, da negação da direção, do "não cabe a ninguém senão aos próprios operários dirigir suas lutas" e isso cai na negação da própria participação revolucionária da PB, e, no caso do ME, acaba justificando o imobilismo.*

1. O pequeno-burguês esclarecido mas omissos deposita esperanças messiânicas na classe operária. Responde à incômoda mitificação com misticismo.

(Pela transcrição: Marcos Augusto Gonçalves e Italo Moriconi Jr.)

* André Stearns de Oliveira. O título do artigo é "O Santo Guerreiro contra o Dragão da Maldade". Só que não há nenhum santo em vista, e os guerreiros, esses mal sobrevivem. "AVESSO" é um jornal dos estudantes da Universidade de São Paulo.

a crítica da razão negativa

Procurou-se alguns expoentes considerados significativos do movimento estudantil em São Paulo. A tentativa era discutir alguns problemas pouco ou nada ventilados na grande imprensa ou mesmo entre os estudantes. Num primeiro encontro, pediu-se a dois dos entrevistados que levassem em conta o seguinte procedimento: a principal preocupação da entrevista era relativa ao papel de *negação* que o movimento estudantil (M.E.) poderia desenvolver nas suas investidas, em contraposição à sua positividade. Pediram que se explicasse melhor estas coisas. Resaltou-se então que, examinando o desenrolar do M.E. a partir de sua emergência em 74, todos os esforços são no sentido de acúmulo das vitórias. Inicia-se a reorganização das agremiações anteriormente exterminadas; cada manifestação é encara da segundo o possível salto qualitativo a ser dado posteriormente; a preocupação com a imagem desse movimento junto à população é muito grande; há um permanente rigor nas manifestações de rua, onde não é permitido gritar mais palavras de ordem que as anteriormente votadas e aprovadas. Enfim, desde o plano meramente dito acadêmico até o dito político, todas as discussões e palavras de ordem apontam soluções positivas, objetivos positivos (melhores condições de ensino ou liberdades democráticas por exemplo). Não que estas reivindicações sejam ruins pela sua positividade, nada disso. Apenas se queria discutir a possibilidade do uso permanente da negação crítica do estabelecido e ver as probabilidades de superação dentro da negação.

Explicou-se, ainda, que desejava-se obter com a matéria uma das representações possíveis do M.E., e esta poderia ser a de algumas pessoas ligadas aos órgãos de representação estudantil. Falou-se também do problema referente ao M.E. como força simbólica enquanto praticado somente por estudantes. A inserção da massa operária nas manifestações daria outro conteúdo a essa força que as mobilizações estudantis apenas esboçam, por exemplo.

Pois bem, foi dito que o tempo era curto demais para esse bate-papo. Um dos entrevistados desculpou-se dizendo precisar sair e que "estava muito complicada

essa tal de positividade de força simbólica" que "assim tava muito difícil". O outro, que depois foi impossível contatar para a continuação do papo, chamou os entrevistadores de *índios metropolitanos*, numa alusão a um grupo anarquista italiano.

Após esse primeiro encontro resolveu-se mudar a abordagem. Foram elaboradas perguntas *extremamente ideológicas e montadas em cima de falsas questões* como a subversão ou o conceito de nação, por exemplo. Encontrou-se separadamente cada uma das três pessoas entrevistadas. Pediu-se, então, que fizessem *tabula rasa*, que esquecessem completamente; que dessem pressuposto o seguinte: o M.E. é pequeno burguês, classe média mesmo e não tem, exatamente por isso, projeto próprio de transformação, mas pode ajudar muito; as tarefas democráticas não importam para a entrevista, se deve ser Constituinte, P.S., liberdade política ou democrática, isso não importava agora. Deixassem de lado também o eterno caso da ligação operário-estudantil-camponesa. Tudo isto já era ponto de partida da matéria.

Transcreve-se abaixo as respostas, estão agrupadas segundo os itens de perguntas. Que fique claro que estas três respostas são uma das possíveis representações do M.E., as extrapolações do final também.

O movimento estudantil é subversivo?

"Em primeiro lugar — responde o entrevistado 1 — a palavra subversão é tacaña. Não diz nada, você opõe a quê, a superversão? Acho o seguinte: O M.E. subverte a ordem, ele se propõe a mudar a ordem. Ele se organiza à revelia da ordem existente. Ele contraria o 288, o 477. Agora, no chavão subversivo do governo que quer dizer terrorismo, comunismo e demais coisas, nesse sentido não. Nenhuma palavra de ordem agitou governo operário, ditadura do proletariado ou assalto a banco."

Feita a mesma questão ao entrevistado 2. retem-se o seguinte: "É, porque para ele conseguir a realização de seus objetivos é necessário subverter a ordem estabelecida atualmente, ordem esta que não nos interessa."

Porque o M.E. não gosta de ser chamado subversivo?

"Quem disse isto? — Explica-se o procedimento comum de oradores em assembleias estudantis que não aceitam serem taxados de subversivos — Ah! é porque o conteúdo que dão para a palavra subversiva quando a usam para caracterizar o M.E. é um conteúdo que não corresponde à realidade. Por subversivo, os que nos oprimem, querem dizer que queremos perturbar a tranquilidade, os queda população, maniqueistamente colocando o M.E. como o "mal" e o "resto" da sociedade o "bem". Acontece que se é para ser maniqueísta, o mal é a ditadura, é o sistema que nos oprime e não o resto da sociedade. Esses conceitos "mal" e "bem" são conceitos burgueses."

À primeira pergunta, se o M.E. é subversivo, o entrevistado 3 atacou: "Existe a resposta padrão, subversivos são todos que torturam, os verdadeiros exploradores que submetem os trabalhadores e a população é repressão e super-exploração. Da ótica dos dominantes o M.E. é subversivo porque ele se organiza para lutar contra esse estado de coisas e enfrentar a ordem vigente. A palavra subversão é uma questão de ótica; subverter é ir contra a ordem vigente. O que se precisa pegar é qual o interesse válido: o da maioria ou da minoria que detém o poder. Nesta medida o M.E. trava uma luta justa."

Porque justa?

"Justiça não é um conceito moral, é um conceito histórico. Justa, a, que são os interesses coletivos. É uma luta legítima."

O segundo tempo das entrevistas foi feito com a seguinte questão inicial: *Por que a preocupação com a imagem que a grande imprensa faz do movimento estudantil?*

Entrevistado 1: "Porque é uma forma que a gente tem para se ligar com a população. A grande imprensa está na mão da burguesia, nesse sentido ela veicula as notícias dando determinada visão que vai de encontro a seus interesses. Por ex., quando o *Estado* fez uma ampla cam-

panha contra a greve da ECA (Escola de Comunicações e Artes da USP, em greve no primeiro semestre de 75, pela derrubada do diretor Nunes), a burguesia ainda não estava num nível de cisão com a camarilha militar como está hoje. Atualmente se tem divulgado amplamente todas as manifestações como uma forma a mais de pressionar a camarilha no sentido de gerir ela própria (a burguesia) seus negócios, coisa que não vem acontecendo desde seu acordo com os militares de 64, para conter as massas."

"Não ficamos putos por causa da má cobertura das nossas manifestações. Raiva, ódio ou irritação não traduzem o sentimento de repúdio que temos quando nossas palavras de ordem e nossas manifestações legítimas, e que vão de encontro aos anseios da maioria oprimida da população são adulteradas com o sentido claro de mostrar aos estudantes como baderneiros e coisas afins. Vide editorial do *Estado* sobre a invasão do CRUSP (restaurante universitário tomado pelos estudantes em 76. A reivindicação era uma comida melhor a preço mais baixo. O restaurante foi reformado, serve refeições de qualidade superior à antiga e o preço exigido pelos alunos foi mantido)."

Você esperaria o quê, uma atitude mais honesta?

"Não dá para misturar moralidade com política."

A mesma questão feita ao entrevistado 2 recebeu a seguinte argumentação: "Nos preocupamos com a representação da grande imprensa porque ela tem acesso a amplas parcelas da população. Por que ficamos com raiva das más interpretações? É uma questão difícil. Porque se a gente for se guiar só pelo conteúdo de classe da "grande imprensa" a gente vai deixar de ver as suas potencialidades enquanto veículo através do qual podemos tentar (e devemos) fazer com que cheguem ao conjunto da população as nossas palavras de ordem, os nossos objetivos, as nossas lutas, enfim, ficamos putos porque tem que se travar uma luta com essa imprensa, para ela, dentro de seus limites, não os limites que ela própria se trace, mas os limites que ela na realidade tem, sirva aos nossos interesses."

Que que você quer dizer com NOS-SOS?

"Quer dizer os interesses dos setores oprimidos."

Que quer dizer SETORES OPRIMIDOS?

"Isso daí vai cair no chavão. Mas vamos lá. Identificando-se os opressores e oprimidos e a relação que se dá entre eles (opressão) é que falo de oprimidos. Na medida em que o Brasil é uma sociedade capitalista dependente que tem como classe dominante a burguesia monopolista, os latifundiários e o imperialismo, as classes dominadas são a classe operária, o campesinato, a pequena-burguesia, os intelectuais, os artistas, etc., e o pequeno capital nacional não-associado ao imperialismo."

Ao entrevistado 3 perguntou-se também sobre as preocupações com relação à grande imprensa. Ele responde: "Porque quem tem peso pra determinar a imagem do movimento é a grande imprensa, em termos de penetração social. E a grande imprensa é instrumento da burguesia. Entra aí não só a censura política como também a censura econômica."

O M.E. é força real ou força simbólica?

"Ele também existe (como força real, pois é um movimento de massas; se não pode transformar profundamente pode conseguir vitórias parciais. Como força simbólica ele é muito importante, pois é o nervo sensível de uma situação latente."

E quanto ao falatório de que o M.E. é terrorista, comunista, etc...

"O M.E. é essencialmente democrático pois sempre encaminha suas ações em cima de propostas majoritárias. Se as propostas votadas pela maioria tiverem um caráter "comunista", significa que essa é a resposta mais justa encontrada pelo M.E. como um todo. Quanto ao terrorismo, a invasão da PUC e a repressão às passeatas mostraram quem são os terroristas."

O terceiro e último tempo das entrevistas tem a seguinte pergunta elaborada para os três entrevistados: O proletariado e o campesinato representam os anseios da Nação.

A isto obteve-se o seguinte do entrevistado 1: "Sim, a classe operária produz toda a riqueza da nação? A burguesia detém os meios de produção e se apropria da riqueza produzida pelos operários para manter uma minoria. Estas (campesinato operariado) são duas classes fundamentais que podem oferecer um projeto político-econômico-social que abarque todas as camadas da Nação. A burguesia já mostrou o que pode oferecer como projeto social: a indústria da destruição, a guerra, como forma de ampliar seus lucros; o fascismo, as ditaduras de diversos matizes, espalhadas pelo mundo, o imperialismo —vide Somoza na Nicarágua— dá ajuda militar para dizimar mulheres, crianças,

trabalhadores, intelectuais, operários (o entrevistado pede que se dê mais exemplos, como isto é fácil, deixa-se para os leitores exercitarem a memória)...

"A classe operária é a única capaz de transformar este estado de coisas e apresentar um projeto político-econômico-social que possibilite a todos desenvolverem suas potencialidades, num clima de liberdade."

Quanto à mesma pergunta, o entrevistado 2 acha que "não, essas duas classes contêm, juntamente com as outras classes dominadas, os verdadeiros interesses da nação. A maneira como esses interesses são representados é diferente. Creio que esses interesses são representados nos partidos que se identifiquem com essas classes. Os verdadeiros interesses da nação são os interesses dos setores dominados, daqueles que querem a expulsão do imperialismo, a democratização da estrutura agrária, o fim dos monopólios, e uma democracia que corresponda a essa situação: uma democracia popular. Os interesses dos oprimidos são verdadeiros porque são os interesses próprios deles. Tá muito literária esta entrevista. Deveria estar mais discursiva... Porque os interesses verdadeiros da massa são aqueles que apontam para a resolução dos seus reais problemas. Os interesses da burguesia são verdadeiros

para ela mas não para a nação, nação considerada enquanto de setores oprimidos."

O entrevistado 3, com relação à mesma pergunta acha que "o conceito de nação está vinculado ao da propriedade. Se você pegar a nação como conjunto dos proprietários, eles (proletariado e campesinato) não representam. Se pegar como quem são as forças produtivas eles representam. Eu não usaria o conceito nação."

A discussão das entrevistas poderia começar pelos conceitos absolutos que os entrevistados usam ou aceitam facilmente desde que alguém os proponha. E o caso de *nação*, conceito que apenas o entrevistado 3 questionou e os outros aceitaram. *Nação* é uma palavra universal, universalizadora e anseios da nação não quer dizer nada se o conjunto da população de determinado país for entendido enquanto inserido contraditoriamente no social. Mecanizado o conceito de luta de classes é claro que a nação vai ser representada pelos oprimidos. Mas não é tarefa da matéria resumir o velho bê-a-bá marxista.

Buscou-se especialmente as relações que se estabelecem entre as representações do M.E. construídas ideologicamente e as representações internas do movimento estudantil. Estas podem ser encontradas na vanguarda estudantil, nas direções reconhecidas pelo estudantado e são construídas a partir das representações ideológicas e dominantes. Efetivamente, a construção das representações internas do

M.E., a sua ideologia é sua própria representação. Para ficar mais claro basta dizer que o processo de construção da ideologia do M.E. é a própria ideologia do movimento.

As idéias que os dominantes constroem do estudantado em ação aparentemente são diversas. Existe o pensamento fascista, paranóico em sua essência. Considera o movimento estudantil dividido rigidamente em dois corpos: a massa manobrada (passiva, inerte, despolitizada e principalmente explosiva) e os cabeças. Tudo se passa como se alguns estudantes (os ditos profissionais) dirigissem ou teleguiassem a massa, conduzindo-a a atitudes "desordeiras e anti-sociais", atitudes opostas ao interesse da maioria da população. Veja como *maioria da população* pode-se prestar a múltiplas interpretações! É significativo que no interior dessa representação, as palavras *liderança* ou *vanguarda* sejam substituídas por *cabeças*.

Existe ainda a visão liberal, esclarecida. Aqui o movimento estudantil deve ser compreendido e explicado por via das degradantes condições de ensino à que os estudantes estão submetidos e do fato dos estudantes serem jovens (o jovem aqui é simplesmente mitificado). Obviamente, entende-se condição de ensino numa perspectiva que nunca chegou sequer a um aprofundamento maior, ao contrário, as melhores condições de ensino são entendidas criticamente. A juventude mítica (os jovens são assim mesmo, contestadores) cumpre diversas funções: dará contestação um caráter efêmero e por isso, epidérmico, além de permitir o enquadramento dessa contestação e, conseqüentemente, do M.E., nos limites da consciência burguesa.

Ambas as representações desenvolvidas acima recusam-se a compreender o M.E. enquanto movimento social e seus condicionantes como características de uma *determinada* forma de estruturação da sociedade. A divisão do trabalho, o papel da escola, as classes sociais e a reprodução do sistema são conceituações alheias a estas visões, embora, paradoxalmente, diversos setores burgueses usem e abusem dessa terminologia. Daí a diferença entre estas duas idéias situarem-se ao nível da aparência, ao nível mesmo da forma de expressão. Elas equivalem-se. Se não são idênticas completamente possuem uma base comum e única.

Agora, uma das representações possíveis que o M.E. faz de si, uma das imagens criadas por ele mesmo, traz em seu interior o amalgamento de traços diferenciadores e de ingênuas interiorizações da ideologia dominante. Por um lado entende-se o M.E. a partir de sua inserção num dado concreto social; por outro, a consagração de práticas privilegiadas da bur-

guesia. Os dados concretos do social em que se insere o M.E. apresentam os condicionamentos que o levarão a representar-se, muitas vezes, nos parâmetros da burguesia. É claro que este M.E. não está aqui absolutizado, as diversas representações pululam em seu bojo, mas é possível algumas inferências a partir destas três entrevistas parecidas e extremamente diferentes, ao mesmo tempo.

A grande imprensa detém, de fato, o controle da circulação social das idéias e isto está na base da contradição central da auto-representação dada pelos estudantes que responderam às perguntas: compreende-se a função ideológica da tal grande imprensa, compreende-se a sua natureza, mas aparece como impossível fugir a seus padrões, a não ser enquanto possibilidade para o futuro.

Efetivamente, nestas três respostas, o M.E. é negado enquanto subversão. Significativo notar que, no vazio dos signos ideológicos, um dos entrevistados chama a ditadura de subversiva e terrorista, procedimento comum, ao que se tem notado, entre os estudantes se não só. Aceita-se o esvaziamento desses signos de seus significados e o preenchimento dos mesmos da significação mítica que lhes dá a classe dominante. Chamar subversivo ao regime é reivindicar a si a ordem. Invertem-se os papéis dessa ação estática mas seu significado permanece.

Tudo isso significa que o M.E. ao nível da ideologia, *responde* à burguesia. Neste processo, forma sua própria ideologia e delimita seu campo. Trata-se de saber *em que medida* as representações dos estudantes vêem a si próprios, diferentemente de como a burguesia os vê. Ou melhor, ver se realmente subverte a representação burguesa, construindo-a. Compondo sobre os detritos uma outra representação ou se assimila-se mais ou menos acriticamente a ideologia dominante, reproduzindo-a.

Isto significa por em questão e problematizar toda a prática dita política do movimento estudantil. Percebe-se claramente que os conceitos e interpretações utilizados pelos entrevistados nesta matéria são, na maioria, cristalizações; como eles mesmos dizem: chavões. Se se requer uma praxis transformadora há que buscar-se o entendimento. A negação aparece como uma possibilidade, fugaz, é claro. Mas levando-se em conta a vida transitória do estudante, a sua decantada situação de classe, a sua peculiar existência enquanto potencialmente receptivo às mais diversas correntes de idéias, porque não fugir um pouco destes mecanismos redutivistas? Ao negar toda esta conceituação ideológica emerge a possibilidade de superação, em cima dos detritos.

O SOL BATE À JANELA ENQUANTO UM TAMBORIM ARREBENTA SEUS TÍMPANOS

ENTREVISTA COM CHRISTIAN CLOZIAR

BEIJO: Como você percebeu a situação da música contemporânea brasileira durante sua participação no 7o. Curso Latino-Americano de Música Contemporânea em São João del-Rey?

Christian Clozier: Ela é bastante complicada, e pelo fato de não viver nem trabalhar aqui minhas opiniões são aproximadas. Devo ressaltar que no Curso havia não só compositores brasileiros mas também de outros países da América Latina. O problema da música contemporânea na América Latina, e mais especificamente a da música eletro-acústica que é o setor que eu conheço, se apresenta numa situação tensa entre o continente sul-americano e a Europa. O que é bastante notável nesta relação Europa/A.L. é uma relação sentimental quase de amantes. De um lado se ama, do outro se odeia. Do ponto de vista cultural e político amam muito a tradição européia pelo fato de ter sido dada pela educação, e quando falo de ódio, diz respeito a todo o problema da colonização. Não é um problema de relações humanas.

O que é muito engraçado é a repartição feita na A.L. entre os países francófilos e germanófilos. Os compositores se dividem entre os de tradição germânica, que vão para a Alemanha e ficam por lá como Kagel que ganha muito dinheiro e os que vão para a França, ficam e ganham muito menos dinheiro e os que vão e felizmente voltam para os seus países na A.L. Num outro nível existe uma tendência muito clara, que eu sublinho, que está presente no fato de minha participação ter sido paga pelo governo francês, sobretudo por que foi na França que a música eletro-acústica começou. Ao mesmo tempo que existe a Alemanha com sua aura liberal e seu onipresente Instituto Goethe. Esse ano graças a Bélgica com Leo Kupper, houve uma repartição de forças, eramos 2 franceses contra um austríaco e um alemão.

Mas é preciso tendo em vista a situação econômica e política da A.L. existir a possibilidade, pelo sistema de intercâmbio entre os países, de se estudar na Europa onde estão os estúdios, uma vez que que o único estúdio que existia na A.L., o CICMAT em Buenos Aires, não responde mais as necessidades latino-americanas. Logo, efetivamente não existem estúdios equipados profissionalmente que permi-

tam um ensino autócne latino-americano.

BEIJO: já que você tocou na questão do colonialismo, você sentiu alguma resposta crítica por parte dos compositores e músicos latino-americanos?

C.C.: Aqui se entra num problema muito espinhoso que toca a sensibilidade dos compositores latino-americanos, logo é preciso ser prudente, e eu pretendo ser, porque pretendo voltar a esse país charmoso.

pode-se dizer que a crítica num primeiro nível se situa ao nível da palavra. Isso é uma pena, porque não permite que se discuta realmente as coisas, como não permite a informação antes da discussão. O ponto essencial no setor da música eletro-acústica é que nós europeus temos os meios de produção porque o material nos custa barato, mas no plano do ensino não há nada ou muito pouco. Existe Bourges. Existem centros importantes de ensino com uma direção muito precisa, como com os computadores em Utrecht, que é uma coisa extremamente séria, mas com uma direção determinada. Do ponto de vista da formação do compositor europeu existe pouca coisa. Isso quer dizer que os colonizadores, somos nós que trazemos nossa bagagem de informação mas que foi forjada por nós mesmo durante anos. A partir daí é um presente muito importante que nós fazemos no sentido que passamos vários anos para formular idéias bastantes simples e outras complexas e as damos imediatamente. Num nível sentimental, quando eu apresento as coisas, discuto, quando eu informo as pessoas eu gostaria que elas escutassem e depois discutissem porque é realmente você mesmo que está se dando, e não é místico nem católico, fiquemos descansados.

Ora, o temperamento latino-americano faz com que as pessoas discutam antes de escutar. Acontece que como as pessoas falam ao mesmo tempo a informação fica reduzida. Quanto à crítica, do ponto de vista musical eles têm suas idéias, que são respeitáveis como todas as idéias, mas o que falta realmente é o conhecimento e a informação técnica.

Freqüentemente a crítica se situa num nível contra ou a respeito dos Estados

Unidos e por tabela a Europa. A crítica feita pelos latino-americanos não se dirige indiretamente a expressão européia, mas sim o que aparece sobre o molde americano, sendo que também o molde americano é forçosamente um colonizador na Europa. Quer dizer que em vez de se discutir A.L./Europa se passa pelos Estados Unidos. Se no plano político se discute efetivamente se as multinacionais têm papel preponderante em muitos países da Europa, e também na França, do ponto de vista cultural existe ainda uma relação de independência graças ao trabalho dos europeus e particularmente dos franceses. É por isso que a crítica é freqüentemente inútil e deslocada quando as pessoas dizem: "É, mas vocês fazem igual aos EUA etc., etc., etc." Isso anula o interesse da crítica e da discussão.

BEIJO: E as discussões que se passam na Europa a respeito do lugar social e político do artista, e portanto do músico, vocês trazem para cá?

C.C.: Digamos que quem faz política são os europeus e os compositores e estudantes latinos americanos falam freqüentemente de política. Por outro lado, a discussão é muito limitada no sentido que nossa condição política e econômica é diferente da A.L. o que faz com que a nossa experiência não possa servir de modelo. Nesse nível é difícil fazer com que as pessoas entendam as posições que os europeus possam ter pelo fato delas terem saído de condições econômicas mais favoráveis. Logo nós aparecemos em relação aos latino-americanos como privilegiados e agentes do poder. O que forçosamente não é o caso, e que ocasiona freqüentemente deformações no conteúdo das discussões que se possa ter. Nos respondem sempre: "É um problema de escala, vocês trabalham com aparelhos que valem milhões e nós como Revox". A partir daí em lugar de se discutir seriamente em termos políticos, e aí é preciso colocar as normas políticas, quais as referências, que pensamentos etc., fica-se numa conversa de cozinha econômica e política.

BEIJO. Mesmo assim não é importante que essa discussão exista aqui?

C.C.: Mas isso só tem efeito sobre indivíduos e não sobre a coletividade. Quando se dá curso se fala para muita gente

A música dos trabalhadores será feita quando eles se unirem e não por nós. Nesse momento se eu não levar um tiro já ficarei contente.

mas depois é que se vai conversar individualmente. As pessoas não ousam falar precisamente das coisas. Se diz a Esquerda, a Revolução, mas não se diz qual.

BEIJO: Boulez diz que não existe relação entre música e revolução; se o músico quer fazer a revolução deve pegar o fuzil. Kagel diz que o proletariado está recuperado pela burguesia, romper com o estilo significa colocar-se numa situação revolucionária. Stockhausen acredita numa evolução tecnológica-estética indolor. Essas colocações batem aqui com muito charme e duma maneira escamoteada. Eu acredito que na Europa isso se articule duma maneira muito mais ampla envolvendo outros interesses além da questão música e política. O que você teria a dizer?

C.C.: Aqui eu serei mais agressivo e preciso, respondendo que isso é falso e sem importância. Só se pode falar de música e política da parte das pessoas que foram citadas levando-se em consideração interesses financeiros e publicitários. Se Kagel quer fazer política deve ir para a Argentina em vez de ficar ganhando milhões de marcos alemães. Em relação a Stockhausen ele nunca foi um bom político e é até melhor que não seja. Sua concepção só nos faz lembrar um misticismo e a música duma certa época. Em relação a Boulez, digamos que ele é uma experiência política na tradição da IV República, isso quer dizer um pouco a direita e um pouco a esquerda. Isso tudo não tem nada a ver com música política, nada mais é que um exercício de estilo em torno da música. Uma música com intenção de manter um mercado econômico, consumidores, ouvintes etc., para depois se dizer: "Esse cara é engajado... eu gosto de escutar suas músicas." Eu nunca ouvi uma música política de Kagel, porque efetivamente Kagel é um demissionário político completo. Na Europa é sabido há muito tempo que o proletariado é recuperado pela burguesia e isso também é um falso problema, porque na França existe 1 milhão de pessoas que não recebem o salário mínimo. Se essas pessoas são recuperadas pela burguesia e pela sociedade de consumo, tanto melhor pois nesse caso seus salários estão em relação com os objetos de consumo.

BEIJO: Você acha então que é uma politização artificial?

C.C.: Isso nós podemos desenvolver. No caso eu estava respondendo em relação as pessoas citadas. O que eu posso dizer também que essas pessoas, Kagel Boulez e Stockhausen pertencem a uma geração pós 20. gerra, uma escola que não tem mais nada a ver com a atualidade. Levando-se em conta que a situação da música contemporânea se radicalizou num certo momento em 68, quando várias coisas foram requestionadas. Esse é o lado histórico, sobre o lado terminológico digo que não existe música e sim músicas, que não existe política e sim políticas. Quando se fala de música e política não quer dizer nada. Por que não se sabe qual música e qual política. Para se falar das relações econômicas e políticas com a música é preciso se basear sobre um dado essencial do nosso regime que é o regime capitalista. Numa definição teórica o aspecto econômico aparece como ponto fundamental. Tudo se organiza da venda, troca, lucro, etc., e a economia para que ela seja aceita, para que ela seja mediatizada ao nível dependem da infra-estrutura e

da política. Por exemplo: para se aceitar o fato de que Kagel faz música revolucionária é preciso que haja toda uma ideologia que pressione as massas e os consumidores para fazer passar a idéia de que Kagel é um homem de esquerda, quando na verdade ele é de direita. Um homem do dinheiro. Existe um ditado na França que diz que temos o coração na esquerda e a carteira de dinheiro na direita. Se agente faz uma distinção entre ideologia e prática, e de outro lado entre a prática econômica e prática política, precisa-se estudar o mercado e o circuito no qual funciona a música. Finalmente quando digo que existem músicas e não música eu acrescento que existem músicas que são definidas em suas distinções pela sua relação com o mercado econômico. É isso que faz a diferença.

BEIJO: E quanto aos sistemas de difusão da música que são mecanismos capitalistas?

C.C.: É claro que não foram feitos para socializar a música e sim para se ganhar dinheiro. Toda a organização dos concertos de música foram feitas no século 19 não para o povo e sim para a burguesia.

BEIJO: Como então superar isto?

C.C.: Fazendo música eletro-acústica.

Existem 4 datas que são importantes na implantação da organização econômica do sistema musical, na França. O direito autoral data de 1793, quer dizer, 4 anos após a revolução da burguesia. Em 1852 foi criada a Sociedade dos Autores Compositores e Editores de Música (SBACEM), e em 1853 apareceu a primeira orquestra que dava concertos por dinheiro. Em 1854 cria-se a palavra avant-garde. Logo toda a partilha foi feita. Existia uma sociedade de direitos autorais que geria os direitos autorais dos músicos, existia a orquestra que difundia essas músicas, e de maneira a não ser executada a música da época criou-se a noção não de música contemporânea, mas de vanguarda. Toda a tradição da música ocidental foi muito marcada politicamente e quando se fala de música e política é necessário colocar o problema e saber se a música que as pessoas fazem pode ter uma incidência política. Eu não creio, porque nós vivemos numa sociedade que visa destruir todos os papéis sociais que se possa ter. Logo eu acredito que o papel político da nossa música é estar num período de transição como disse Trotsky; é preciso operar, é preciso garantir e manter nossos meios de produção. O que é extremamente importante é saber o que é música e o que são músicas, e determinar suas relações com o circuito econômico e político. Nesse nível pode-se fazer uma distinção fundamental entre música instrumental e música eletroacústica. A música tradicional instrumental utiliza 3 coisas: uma escrita, um instrumento o instrumentista. Há sempre uma conjugação entre os 3. Os instrumentos foram feitos para uma certa escrita, e os instrumentistas foram feitos para tocar os instrumentos dessa escrita. Todo o circuito econômico feito em cima disso hoje está velho. No entanto esse circuito a se desenvolver, e é ele que alimenta e determina a música instrumental contemporânea. Salvo que não existe mais uma escrita na música contemporânea. Quer dizer, o consenso social explodiu. O que faz com que os compositores sejam dependentes das possibilidades econômicas que lhe são dadas pelos detentores da

música instrumental. Kagel só existe porque tem um editor que lhe paga muito bem, porque suas babaquices são executadas por excelentes instrumentistas, que serão muito bem pagos. Suas peças executadas por amadores ficam uma merda. Como hoje em dia não existe mais um código, uma escrita, para que isso funcione é preciso utilizar virtuosos e especialistas. Essa gente faz parte de uma máfia: empresários, orquestras, rádios, o Estado, etc.. Logo nesse caso, como os compositores não detêm os meios de produção, só trabalham quando recebem uma encomenda. E quando essas pessoas dizem que fazem política eu digo não. Eles comerciam. Se nós tomarmos o esquema clássico da música instrumental: produção, distribuição e consumo, percebe-se que tudo depende do circuito. No começo o compositor precisa apenas de um pedaço de papel e dum lápis. Isso não custa nada. Depois que é introduzido no circuito econômico: empresários, orquestras, maestros, vendedores de disco, etc. isso é vendido na relação de 1 franco no início para 20 francos do ingresso do concerto.

Na música eletro-acústica o esquema é invertido. A produção custa caro porque é necessário comprar os aparelhos que são nossos meios de produção, assegurando nossa independência e permitido gerar toda a cadeia. Mesmo quanto ao custo da produção é possível se cotizar em grupo, coisa que não existe em relação à música instrumental porque é contraditório com o próprio interesse do indivíduo. Isso é possível tanto na Europa quanto na América Latina. A partir daí se coloca a questão da rentabilidade disso, que é evidentemente um problema, mas que ao nível da distribuição e do consumo é gerada diretamente pelo compositor. Pode-se dar concertos com a entrada a 1 franco, logo a relação 1/20 francos foi invertida. Aí então se pode falar de política e música, porque se está falando da ligação do econômico com a música.

BEIJO: A música eletro-acústica não teria herdado essa explosão do consenso social provocada pelo rompimento da música instrumental com a tonalidade?

C.C.: Infelizmente sim. Mas a música instrumental clássica nunca foi praticada pelas massas. Houve um fenômeno que foi a aparição do disco que permitiu pela primeira vez uma difusão. Um burguês no tempo de Beethoven durante toda sua vida poderia escutar 4 ou 5 vezes a 5a. Sinfonia. Hoje uma criança de 10 anos de idade já ouviu a 5a. pelo menos 20 vezes. Todo o desenvolvimento da música clássica se deu no sentido de superar as interdições da totalidade. O que fez com que os compositores estivessem sempre à frente da sua época em todos os tempos. Pelo fato das pessoas ouvirem pouca música o entendimento sempre foi defasado. Para nós eletro-acústicos, o afastamento das massas existe efetivamente porque o público que nós temos é aquele que recuperamos após todo um trabalho de minagem feito pelas mídias. O público já está acostumado a Vivaldi, Bach, etc., e ainda temos a televisão que banaliza tudo. Por exemplo: a música contemporânea é o terremoto, coisa violenta e terrível. A música eletro-acústica é o espaço, e a música clássica é a festa, à primavera.

BEIJO: Quando as pessoas começaram a ouvir mais música clássica que contemporânea?

Na música eletro-acústica teoria e prática estão constantemente ligadas pelo fato mesmo dela funcionar numa interação entre sua intenção musical, sua interação todo onde uma dialética dinâmica, dissolvendo certas contradições e criando outras, se desenvolve.

BEIJO: Num concerto de música eletro-acústica dado por Sten Hanson numa fábrica um lenhador comentou que era a primeira vez que ele ouvia uma música feita para os trabalhadores. Você acredita que ela tenha esse papel?

C.C.: É bonito e agradável ouvir isso, mas é falso. Mesmo que se tenha uma simpatia ideológica e teórica pela esquerda nós faremos sempre uma música saída da tradição cultural que vivemos. Eu não posso fazer uma música para o proletariado porque não sou operário. O que eu posso fazer é uma música que mantenha os meios de produção eletro-acústicos de maneira que não desapareçam sobre a pressão de outros circuitos. Assim quando chegar o momento em que houver uma revolução, se as pessoas que tomarem o poder quiserem fazer alguma coisa haverá uma ferramenta.

A música dos trabalhadores será feita quando eles se unirem, e não por nós. Nesse momento se eu não levar um tiro já ficarei contente.

(Paulo Venâncio Filho, Sérgio Arújo, Delfina Araújo)

C.C.: Para responder precisamente seria necessário um grande trabalho de pesquisa. Num nível mais geral eu diria que as mídias justificam a música clássica instrumental para o ouvido das pessoas unicamente pela música de variedade. Se não houvesse uma música tonal de variedade as pessoas já teriam ficado de saco cheio de escutar música clássica. Esse código musical não existe mais política e socialmente.

BEIJO: Quais as diferenças que existem ao nível da prática entre a música instrumental contemporânea e a música eletro-acústica?

C.C.: A música instrumental contemporânea, como toda linguagem para existir precisa estar fundamentada num consenso social e numa prática generalizada e coletiva. Me parece evidente que a prática da música contemporânea não existe. Ela chega a ser contraditória com sua própria existência no sentido que as pessoas que a fazem são pessoas saídas do conservatório, que se formam dentro da tradição. Quero dizer que além da evolução ao nível da forma existe uma evolução ao nível da prática. O compositor instrumental sempre enfrenta uma dicotomia entre compositor e intérprete. Do ponto de vista financeiro o compositor que não vivia da sua música poderia viver como intérprete: Bach, Schumann, Beethoven e outros, foram grandes pianistas. Porque para eles era possível fazer a junção teoria/prática. Um compositor do século 19 quando não ouvia compunha o que estava fazendo do ponto de vista sonoro, mas sabia o que fazia porque tocava. Os compositores hoje em dia são péssimos instrumentistas, ou às vezes nem são instrumentistas. Como existe então a divisão entre teoria e prática, é a divisão do trabalho que é acionada. Eles exacerbam a divisão do trabalho de modo que se podem ser maestros. Dessa maneira sendo maestros de suas próprias obras usam a divisão do trabalho na orquestra e a orquestra como divisão do trabalho.

TELE

Quanto a uma clientela potencial, ainda não motivada mas em condições de ser engajada, todo esforço deverá ser feito no sentido de despertar-lhe a consciência dos benefícios sociais imediatos que o curso pode promover, e que são, basicamente: melhores condições para competir no mercado de trabalho, já que um curso do 2o. grau eleva o status de um profissional; oportunidade para prosseguir os estudos e ascender na escala profissional; possibilidade de ascensão social decorrente de melhores empregos, salários, condições de vida; e, maior participação na vida escolar dos filhos, geralmente dificultada pelo desnível cultural entre pais e filhos. Telecurso 2o. grau: estude sempre, o caminho é esse.

Depois do Mexa-se e do Desarme-se, o Eduque-se. A lógica do investimento — a obrigatoriedade do lucro profundamente enraizada na sociedade capitalista — torna o imperativo implícito (Eduque-se) algo ainda mais categórico. Ao acenar com uma nova posição na sociedade, o telecurso não só fornece uma motivação com base na idéia de lucro, mas também (e quem sabe, principalmente) reafirma como natural um dos pilares da imagem que a sociedade fabrica de si mesma: a mobilidade social. A um investimento (tempo), deve necessariamente corresponder um retorno mínimo, no caso sob a forma de uma *possibilidade*: a ascensão na hierarquia econômico-cultural, suposto ideal maior do homem moderno. Assim a perspectiva concorrencial e ao mesmo tempo premiosa e uma das principais lições do telecurso.

(Plano geral do viaduto do chá, em hora de rush, tipo formigueiro humano. Câmera lenta, sem cortes, 30 segundos). Voz off: meu nome é Adolfo Bezerra, 27 anos, casado. Já fui atendente de hospital, enfermeiro, vendedor, balconista de farmácia. Em 1973, achei que devia mudar de vida, ter uma profissão. A primeira coisa que pensei é que teria que complementar o 2o. grau. Sempre é bom ter um diploma, é uma coisa mais básica, mais sólida. Aí me veio na cabeça fazer o supletivo comprei os fascículos e fiz a inscrição. Lia os fascículos nas horas de folga e no ônibus. Melhorei profissionalmente e não tenho mais vontade de parar de estudar; cheguei até a prestar exame para Direito, mas não consegui frequentar o curso por causa do trabalho. Mas eu chego lá...

A estratégia já é bem conhecida, uma das matrizes fundamentais do esquema publicitário. O caso particular de ascensão social funciona como indicador de um processo generalizado — a mobilidade do corpo social como um todo, decorrência imediata da concepção de sociedade como um contínuo ininterrupto de categorias salariais, entre as quais o indivíduo pode se mover segundo seu talento ou capacidade. Transfere-se assim o problema das diferenças sociais para um esfera individual. E nada melhor para demonstrar a mobilidade almejada e, de uma certa forma, a transferência executada, do que o exemplo mais particular possível. Exemplo no duplo sentido: exemplificação e exemplaridade. Particular que se generaliza em modelo ao ser extraído do anonimato — condição de sua particularidade — e alcança os olhos anônimos que devem enxergar nesse falso particular a sua própria condição e, portanto, a sua chance de subir na vida. Os grandes beneficiários de tal ambigüidade são, sem dúvida, o produto telecurso e o mito da ascensão social, seu principal atrativo.

Mas, com apenas quinze minutos por dia, o telecurso oferece ainda mais: Educação Permanente. (pois) "Ninguém está definitivamente instruído". A primeira vista, uma idéia estranhável: a educação encarada como um processo relacionado com a transformação do real, ou qualquer coisa assim. Mas a frase soa mal, e um dos motivos talvez esteja no emprego do termo "instruído". O uso do particípio não é mera casualidade, pois objetiva-

mente conserva o aluno em sua eterna condição de receptor. Não esquecendo que a palavra "instrução" tem muito a ver com a idéia de acúmulo, de posse de conhecimento (instrução-erudição — "cultural"). E a acumulação não deve parar ou, pelo menos, deve recomeçar no caso daqueles que foram excluídos do sistema educacional, e que hoje se ressentem (ou deveriam) da falta deste capital cultural indispensável para o acesso aos níveis superiores da cultura. Estudar para apre(e)nder, não para conhecer.

(Professora de costas para a câmara, escrevendo na lousa a frase: QUANTO MAIS INFORMAÇÃO HOUVER, MAIS EDUCAÇÃO AS PESSOAS BUSCAM; pronunciando as palavras enquanto escreve). Quanto...mais...Informação...houver...mais...Educação...as...pessoas...buscam. (Ao terminar, volta-se para a câmara e repete a frase toda, visível no quadro negro). Quanto mais informação houver, mais Educação as pessoas buscam. (Corte para cartela: REPITAM AGORA; 10 segundos).

Aos poucos vai se revelando a concepção educacional envolvida na expressão Educação Permanente que, ao assumir o discurso de uma certa pedagogia libertária que vem se impondo ao mercado educacional, reproduz os procedimentos de sempre. Para ficar no exemplo, o autoritarismo inerente à relação professor-aluno e/ou a arbitrariedade do que se ensina. Educação Permanente, aquele que se faz pela reedição permanente do Mesmo.

(Seqüência de pequenos planos, 1 a 2 segundos; 1. Logotipo: Telecurso 2o. grau, Rede Globo de Televisão. 2. Os profetas, de Aleijadinho. 3. Operador de computador trabalhando. 4. Gravação de uma aula do telecurso. 5. Close do busto de Molière. 6. Dona-de-casa arrumando mesa. 7. Fascículos do telecurso saindo da rotina. 8. Close de Hieróglifos egípcios. 9. Close do mapa do Brasil. 10. Plano geral de uma sala onde se realiza um exame vestibular ou supletivo. 11. Mãe ajudando filho a estudar. 12. Plano geral da entrada de uma escola, em hora de saída. Tomada de um nascer do sol, acelerado, dividido em 4 planos intercalados entre 3 e 4, 6 e 7, 9 e 10. Finalizando a seqüência, o último plano é o aparecimento completo do sol). Música crescendo do pianíssimo ao retumbante. Final abrupto coincidindo com o último plano. Voz off: O projeto Telecurso 2o. grau destina-se à mais ampla repercussão social e marcará uma nova etapa no relacionamento entre tv e público, nesse despontar de ano novo.

Novo relacionamento entre tv e público: a tv incorporando ao seu discurso-programação a hierarquia estabelecida entre os conteúdos, utilizáveis e descartáveis, segundo a noção imperante do que seja melhor para as massas. Um componente importante é o "educacionismo", ou a utilização da tv com fins educativos. Como se antes desta exteriorização da relação educativa sob a forma pedagógica ela já não fosse educadora. Outros: as novelas nacionalistas, históricas ou experimentais; o boom do telejornalismo; os concertos internacionais; o padrão globo de qualidade.

O meio tv, maravilhosamente massivo, exerce uma atração irresistível sobre os setores intelectuais excluídos deste poder. O preço (ou a vantagem) da inclusão é o não-questionamento que se transforma em defesa da neutralidade da tv.

"Esta televisão se permite, enquanto indústria, a aborção de traços culturais que estão aparentemente "à margem", sem lugar na tv, investidos mesmo de um caráter quase que impugnador a uma programação habitual. (...) E inclusive cogitados por amplos setores da intelectualidade nacional — de críticos a autores, de "animadores" a "produtores culturais" — como experiências que se insinuam contestadoras a um sistema vigente, convertendo-se em indicadores das possibilidades de expressão e/ou ação política por

parte do meio tv”.

A aceitação de tal neutralidade impede que se perceba, na própria constituição da tv como produtora de comunicação, dois fatores de uma estratégia mais sutil, não-intencional mas objetiva: a *domesticação* e a *desmobilização*. Ao transformar a recepção de mensagens em algo domiciliar, quase-individual, a tv busca anular os efeitos do processo histórico de formação da polis, da concentração espacial da população: o germe perigoso da reunião e da discussão. Mais que isso; neste movimento de “captar” o real e leva-lo até o indivíduo, a tv liberta-o desta tarefa fornecendo-lhe o real, devidamente beneficiado, defronte de sua poltrona. Pelo fato de poder reproduzir com certa fidelidade aspectos físicos do real, gozando inclusive da simultaneidade ao acontecimento, as imagens sonoras apresentadas pela tv são articuladas da maneira mais “natural” possível, escondendo assim sua condição de imagens, ou seja, de reorganização do real. O real na sala afasta o espectro do real da rua.

(Cena extraída do capítulo 250 da novela Espelho Mágico: Cyntia discutindo com Lenita. Cyntia está sentada na cama enquanto Lenita se olha no espelho. Corte para plano médio de Cyntia.) Olha malandrina, se aquela dona tá numas de que eu vou deixar barato, ela tá é muito enganada. (Corte para o professor de Língua Portuguesa.) O nível relaxado caracteriza-se por desvios do padrão e pelo uso às vezes exagerado da gíria. Na fala, este nível de linguagem é muito utilizado, principalmente como recurso de expressão.

A incorporação da função escolar pela televisão provoca a demolição da instituição-escola, e através de seu estilhecimento pelo espaço. “A televisão e o material de apoio levam a escola para dentro de suas próprias casas”. A possibilidade de contato, de discussão entre os alunos fica definitivamente proscribida da educação, ao mesmo tempo que se preserva a relação professor/aluno em sua total verticalidade. Em outras palavras, a tv soluciona por completo o problema da disciplina: não há conversas, não há dúvidas. Além da posse de um saber que o aluno não detém, a autoridade do professor passa a se fundamentar também no mais excludente dos recursos: a cassação pura e simples da palavra. Professor inexistente, por sinal. O que temos no telecurso é uma *fonte professoral*, representada pela figura do locutor e composta de diretores, redatores, revisores, pesquisadores, especialistas, pedagogos, etc., etc. Todo um corpo técnico especializado em planejar e racionalizar o estudo pelo aluno, garantindo-lhe a maior produtividade. “Os programas de tv têm apenas quinze minutos, são leves, movimentados, agradável de assistir. E o fascículo, embora de apresentação gráfica modesta, é absolutamente funcional, desde o conteúdo até a forma de disposição da matéria. Tudo no fascículo visa a ajudar o leitor a aprender”. Inclusive o Jornal do Estudante, encarte mensal do qual o estudante não participa e que se encarrega, entre outras coisas, de orientá-lo quanto à melhor hora, local e posição para estudar. Planejamento que procura atingir o próprio imprevisível da dúvida e do questionamento, funções até então atribuídas ao aluno.

(Corte para uma sala-de-estar: no canto, sobre uma mesinha, uma tv portátil ligada; ao centro, uma mesa coberta de fascículos e cadernos. Um rapaz anda pela sala com uma prancheta na mão. Zoom para o rosto, que se volta para a tv, até close.) Uma das meninas que trabalha no banco fala assim, às vezes nem dá para entender o que ela fala. Mas por que *relaxado*? Isto quer dizer que é errado? (Corte para o professor). Não; não se pode considerar o nível relaxado como sendo propriamente errado. Mas, pela presença de incorreções gramaticais e pelo emprego constante de gíria, a mensagem pode se tornar incompreensível para quem não domina este código. (Corte para o plano médio do aluno.) Ah, enten-

di. Quer dizer que não se pode usar esta linguagem em qualquer lugar.

Baseada numa lógica obscura e onisciente, a *fonte professoral* se investe da capacidade de prever quais os pontos problemáticos da matéria e as dúvidas decorrentes deles. Desta maneira, tanto a aula quanto o fascículo apresentam o circuito aparentemente completo do perguntar-responder. Como se a cada dúvida correspondesse uma solução (única e acabada). Mas, ao mesmo tempo, pode se perceber uma certa consciência dos limites desta capacidade de previsão que exclui o aluno. O Jornal do Estudante reserva um espaço para a manifestação acaso — dois cupons que podem ser preenchidos com eventuais questões que o aluno queira levantar. Com isso se estabeleceria o feedback redentor, espécie de panacéia para os males da tv, ou pelo menos, simulase a participação pelo estabelecimento de uma relação de identidade com o “representante” dos alunos na aula de português.

“O que está errado com a tv é que ele produz. Ela não devia produzir, ela devia comunicar: aqueles que tivessem produzido simplesmente usariam o canal”.

A falsa neutralidade dos mídia é uma das premissas principais da crítica conteudística à indústria cultural. A divisão dos conteúdos segundo sua qualidade tem seus padrões originados *fora* da indústria cultural, no âmbito de uma cultura superior, “verdadeira”. Cultura, com C grande, que deve ser levada para aqueles que a partir desta visão são automaticamente desqualificados enquanto produtores de cultura. O conteudismo tem um fundo no mínimo paternalista — daí sua incorporação pela própria TV não ser muito surpreendente.

“Dentre os efeitos ideológicos produzidos pelo sistema de ensino, um dos mais paradoxais e mais determinantes reside no fato de que ele consegue obter dos que lhe são confiados (...) o reconhecimento da lei cultural objetivamente implicada no desconhecimento do arbitrário dessa lei”.

Um modelo de adequação entre o bom conteúdo e o meio neutro e poderoso é o telecurso 2o. grau, casamento entre a TV e o sistema de ensino que promete reproduzir com maior eficácia a *distinção* cultural, a afirmação de uma Cultura Superior. Essa reprodução ocorre de várias maneiras: a referência constante a uma fonte qualquer de autoridade ou saber (MEC, Universidade, Especialista), que legitima o produto e reafirma a distinção; a apresentação do telecurso como possibilidade de aquisição deste código distintivo que franquearia o acesso aos níveis superiores da cultura (encarado como uma das formas de ascensão social); e o procedimento que aproxima mais do sistema de ensino, ou seja, a transmissão de códigos indispensáveis à ampliação da área de influência da indústria cultural, já que a detenção de um código comum é condição necessária para a constituição de um mercado socialmente indiferenciado para os bens simbólicos. Uma tentativa evidente de sanar as deficiências de um sistema de ensino incompleto, mesmo que por paliativos. Ou mais precisamente, tentativa de atuar nos espaços abertos deixados por ele.

Ao falar em códigos e não em conteúdos e valores, partimos do pressuposto de que existem articulações mais complexas que a divisão com conteúdos e valores de *classe*, positivos ou negativos; articulações que precisam ser continuamente detectadas e esclarecidas. Sem isso, como seria possível deixar de cair no engodo, por exemplo, da nova concepção de História adotada pelo telecurso, que se pretende não-factual, econômica e processual mas não escapa ao determinismo?

Participaram neste artigo: Delfim Afonso Jr. e Dermeval C. Netto (Um produto nacional culto, *Beijo no.1*); Fundação Padre Anchieta e Fundação Roberto Marinho; Jean-Luc Godard (depoimento, *Opinião de 6/8/76, p.23*); Pierre Bourdieu (*A economia das trocas simbólicas*). (Eliana Ourique, Marcelo Leite).

Novos espaços de liberdade para o desejo minoritário contra o consenso majoritário.

(Uma intervenção
de Felix Guattari
na Convenção
Internacional
de Berlim

27 de janeiro de 1978)

A lista dos militantes de extrema esquerda presos ou perseguidos na Alemanha, França, Itália, Grécia, Portugal, em toda a Europa, continua a crescer de modo impressionante. Na Alemanha, com a execução dos prisioneiros de Stammheim, reabilita-se a pena de morte, mas sob forma clandestina, uma vez que a execução foi entregue, parece, à polícia, "paralelas". (Não há qualquer inovação nesta prática: ela já era habitual, por exemplo, na França, no tempo da guerra da Argélia). Na França, contradizendo as leis sobre extradição e asilo político, o governo entregou o advogado Klaus Croissant à máquina repressiva alemã; e Giscard d'Estaing, depois dessa "proeza" propôs em Bruxelas a constituição de "um espaço jurídico europeu".

Até onde irá esta onda repressiva? Anuncia a volta do fascismo? Trata-se de um fenômeno transitório que o ímpeto contrário da esquerda européia conseguirá deter? Será unicamente sob instigação do capitalismo germano-americano que se conduzem as atuais ofensivas nos vários países europeus?

Para assegurar-se, e justificar alianças inconsistentes, o que chamamos de opinião pública de esquerda se contenta, com demasiada frequência, de raciocinar por analogias históricas: fala de fascismo; de gulag, de alternativa de esquerda em geral, mas lhe escapa a natureza das verdadeiras provas de força atuais.

É paradoxal que a maior parte dos problemas importantes, hoje, inclinam-se a se colocar ao mesmo tempo em escala mundial e em escala socialmente microscópica ao nível do indivíduo; da família, dos vizinhos, do bairro... Numerosas questões sobre o modo de vida, costumes, que ontem pareciam completamente marginalizados, ou que interessavam somente à especialistas, ornar-se-ão no futuro — ao que parece — apostas políticas cada vez mais decisivas: liberação da mulher, emancipação das minorias sexuais, problemas relativos a droga e a loucura, relações com o meio ambiente, o corpo, etc. A organização da resistência contra formas de exploração do trabalho, cuja importância era ontem subestimada, terá um papel cada vez maior nas lutas sociais: o trabalho das mulheres, dos imigrantes, dos jovens, o trabalho em meio-expediente, o trabalho sem contrato, o trabalho clandestino, etc.

O movimento operário, que há muito se organizou para defender os explorados contra o capitalismo, conseguirá associar-se a esse novo tipo de revolução social? Representará um novo tipo de conservadorismo que deverá, também ele, ser destruído? Na hipótese de ser concebível uma aliança entre as formações tradicionais e os movimentos que se esforçam em dar uma expressão organizada a esses novos problemas, a essa nova sensibilidade, em que sentido jogarão as influências recíprocas? No sentido da recuperação, da burocratização dos movimentos dos marginalizados? No sentido de uma verdadeira recolocação da questão dos velhos aparelhos políticos e sindicais? Seria muito fácil responder: "a cada um o seu campo! O econômico e o político aos sindicatos e aos partidos, e o cotidiano e o desejo coletivo aos novos movimentos de massa!" É impossível, hoje, separar claramente o que é de competência da reivindicação salarial do que retorna em questões políticas e micropolíticas.

Seria então absolutamente insuficiente considerar que os únicos motores das transformações atuais estejam relacionados à crise mundial, à evolução do mercado das matérias-primas, à ascensão de novas potências econômicas no Terceiro Mundo e à reestruturação do capital assim como está ocorrendo em escola internacional. Os supermanagers do capitalismo estão

perfeitamente conscientes do perigo que representa esse novo tipo de revolução social, e, seja como resposta a desorganização econômica relativa à crise mundial, seja como resposta a esta "revolução molecular", é que hoje estão sendo proposta, na Europa, os vários modelos de democracia autoritária, e que se orchestra a atual onda de repressão. Que tipo de socialismo, que tipo de eurocomunismo será ou não compatível com os aparelhos do Estado integrados ao capital internacional? Comunistas e socialistas poderão ser, como no passado, os melhores defensores da ordem constituída, para aplacar as agitações sociais que se preparam? Sobre todos esses argumentos, Carter, Breznev, Schmidt, Andreotti, Giscard d'Estaing, Mitterand não tem exatamente o mesmo ponto de vista, mas, na substância tratam-se de nuances de juízo, ligadas especialmente às condições locais.

Seria preciso ser particularmente míope para não ver que, no final, as sociedades industriais desenvolvidas tendem todas para o mesmo tipo de sistema totalitário: URSS, USA, Japão e as sociedades capitalistas das velhas nações européias. O seu modo de produção, fundado na exploração e na segregação, suas finalidades fundamentais, que as tornam incapazes de juntar as diferentes aspirações que nascem dentro de si, tudo isso, leva essas sociedades a dar ao Estado um papel determinante numa série de áreas fundamentais. O Estado é, assim levado a funcionar ao mesmo tempo como:

- articulação local dos vários centros decisórios do capitalismo internacional;

- mediação entre as diferentes facções das burguesias e das burocracias locais;

- redistribuição dos múltiplos vetores de submissão dos indivíduos, para a sua constituição enquanto átomos bem integrados da força coletiva de trabalho, das relações de produção, das relações sociais, das relações domésticas, sexuais, etc, existentes.

Além dos modos de subjugação através do salário, da legalidade burguesa, a polícia, o exército, etc, o poder do Estado se apóia em sistema de alienação que implicam em que o indivíduo não apenas se entregue às várias autoridades mas que se torne também, por conta própria e para os outros, agente de controle social. Todos os comportamentos individuais e coletivos que se desviam de qualquer maneira das normas dominantes devem ser vigiados e reprimidos. E cada vez mais o movimento operário e as massas são solicitadas a associar-se a essas iniciativas de normalização. (Por exemplo, na Itália, o PCI chama os operários a participar da denúncia dos elementos incontrolados, ou, na Alemanha, os programas de televisão conduzem a delação de massa).

É nesse contexto que o Poder convida, com sempre maior insistência, os intelectuais, os cineastas, os artistas e os jornalistas para que se empenhem até o fim na defesa da ordem social. A importância crescente conferida a eles pelos mídias, impõe, de fato, que se integrem, cada um no seu lugar, no consenso majoritário, que se constitui numa espécie de ponto nevralgico do sistema. Notar-se-á que essa arregimentação agora se efetua frequentemente sob a instigação dos dirigentes de esquerda

(caso particularmente significativo na Itália). Qual é o fim nessa corrida à integração dos movimentos da extrema esquerda revolucionária? Até agora, parece que a essência da sua ação

continua a ser dependente da esquerda tradicional. Por exemplo, na França, muito da sua esperança é colocada numa vitória eleitoral eventual do PC e do PS, de onde se considera que poderão nascer condições favoráveis às lutas sociais. O mínimo que se pode dizer é que esses movimentos não parecem muito preparados a se transformar e adaptar-se às novas formas de luta de que estamos falando aqui!

E verdade que estas lutas são ainda precárias, titubeantes, e às vezes contraditórias. Todavia, talvez tenha chegado o momento de superar a fase atual, dominada por ações defensivas contra a repressão (por exemplo, a garantia dos direitos dos advogados, o direito de asilo político etc.), e de passar a ação mais ofensiva para a conquista de novos espaços de liberdade (por exemplo, a questão das rádios livres). Torna-se talvez possível considerar a possibilidade de organizar sistemas de coligação ou mesmo de coordenação entre os diversos componentes daquilo que agora se chama "o Movimento", e não só em escala regional e nacional, mas também internacional.

Os modos de funcionamento em Madri, Barcelona, Burgos, etc. dos Comitês de Coligamento entre grupos marginais e diversos movimentos revolucionários, a propósito da luta contra a lei reacionária de reabilitação social (reabilitação e periculosidade social) indicam uma direção muito interessante. É óbvio que não se trata de questionar a indispensável autonomia do movimento de libertação da mulher, do movimento dos prisioneiros, dos homossexuais, dos drogados a ocupação de casas, etc., mas de perceber objetivos mínimos, estabelecer sistemas de comunicação "transversais", ou, se preferível, conservar as velhas fórmulas a nível de base e criar um clima de troca para favorecer uma melhor compreensão entre as diversas posições...

É com este espírito que em vários países europeus Comitês de Coligamento contra a repressão para novos espaços de liberdade tentam organizar-se. Esses Comitês de luta dirigem ações de massa em escala europeia. A sua ambição é muito mais modesta e muito mais concreta. Eles querem:

1) facilitar o coligamento entre os vários coletivos existentes aos níveis nacionais e internacionais (por exemplo, pôr em contato diferentes coletivos especializados em rádios livres com uma coordenação europeia das rádios livres, uma agência de imprensa alternativa, ou estabelecer contato entre grupos que trabalham na questão dos prisioneiros comuns, etc.);

2) pôr em circulação material de informação e de reflexão sobre o desenvolvimento da repressão na Europa (por exemplo, sobre o coligamento entre as várias formas de repressão e a evolução da luta de classe, as novas formas de intervenção do Poder do Estado, etc.);

3) sustentar diretamente com assembléias, convênios, jornadas de estudo, encontros nacionais e internacionais, as iniciativas que buscam um alargamento da informação sobre esses pontos (sem que com isso se criem obstáculos às ações de solidariedade prática);

4) denunciar à opinião internacional um certo número de casos particularmente escandalosos de repressão (exemplo: criação de uma comissão internacional de inquérito sobre o assassinio dos prisioneiros de Stammheim).

Em condições locais bastantes difíceis, os encontros de Bolonha em setembro de 77 demonstram que é possível organizar de modo frutífero intercâmbio internacional de massa. Os encontros de Frankfurt em julho de 78, na minha opinião, poderão marcar um passo a frente em relação aos de Bolonha, se permitirem aos vários componentes do Movimento reunir-se, trabalhar, viver juntos, sem sofrer interferências externas (e não estou pensando só nas intervenções policiais!). E só respeitando os próprios ritmos, os próprios níveis de consciência, as próprias linguagens, que poderá se desenvolver toda uma rede de intercâmbios e emergir perspectiva de lutas comuns. Repetimos: não se trata absolutamente de elaborar um "programa comum" das diversas marginalidades, as diversas minorias, as diversas autonomias e os diversos movimentos revolucionários! Trata-se, simplesmente, de realizar, de tornar efetivo o que é possível hoje nessa área, e nada mais.

(Felix Guattari, LOTTA CONTINUA, 26 de janeiro de 1978).

CONTRA O SADIO REALISMO

"É preciso medir até o fim os valores desta autonomia e o que poderia ser a sua contribuição de imaginação e de energia a um novo projeto de sociedade... A fim de conter suas energias bastaria um simples comutador histórico: por exemplo, a iniciativa, já realizada na esquerda, de um plano de Renovação de República... Realização do plano como função e como ordem de uma sociedade. Será desta forma então, que a vontade ainda confusa dos jovens se clarificará na sua coincidência com a necessidade histórica de resolver a crise organizando um país diferente". (Paolo Volponi — romancista — Corriere della Sera 21/3/77)

Ora, este apelo paternalista e generoso à integração da "vontade ainda confusa dos jovens" — reverso da criminalização da dissidência política — não nos pode soar tão estranho. Pelo menos para a gente que armazena ou armazenou o grosso das nossas informações nas salas de aula, nos clubes cívicos e políticos, nos grupos de estudo, na leitura (atenciosa, claro) da grande e pequena imprensa nacional e estrangeira (que nos salva do tédio dos sábados sem praia)... para a gente — também — há certos modos de "fazer política" e certas regras que são legítimas e aceitáveis. Nada de definitivo, há que saber filtrar no Novo, o que serve e o que não serve. Armados da invencível e "insuperável teoria do nosso tempo" e do otimismo progressista, louva-se a vitória dos povos da Indochina e exorcisa-se tudo o que nos parece far-west bang-bag.

Itália 77: Autônomos, Autonomia... Os termos não são novos e há já quase vinte anos eles não designavam a sigla de um movimento, mas um tipo de comportamento. Inicialmente ligados a uma luta pela autonomia da base operária face às direções sindicais, estes termos apontam para a abertura de um novo espaço de luta política, cujo tema central é: mais tempo de vida e menos tempo de trabalho, incluindo-se nesse tempo de vida tudo o que compõe a cultura do "movimento": as rádios livres, as festas, os cinemas, o humor, a fantasia...

O movimento dos autônomos ocupa um espaço de contornos mal definidos que agrupa os excluídos (emarginati) das grandes cidades. Composto de uma multiplicidade de correntes e grupos (jovens proletários, desempregados, feministas, homossexuais) que atuam ao sabor dos acontecimentos, o

movimento de revolta dos "emarginati" se inicia nas universidades do sul da Itália, propaga-se pelas metrópoles italianas e atinge, inclusive, outros países, como a França.

Escapando à "crosta institucional da restauração", entraram em jogo rebeliões que vão da revolta proletária de São Basílio (1) à explosão do movimento feminista ou à luta nos hospitais dos movimentos de auto-redução (2) à expropriação dos supermercados e às redistribuições (3); das lutas no interior das prisões à expropriação do escritório do geômetra responsável pela elaboração dos planos de construção das novas prisões de Turim.

Não é nem claro que a política — tal como ela é entendida — se reconheça nessa forma de agir. O que quer que se pense de tudo isto, há algo de diferente nesse tipo de prática, cada um partido do seu "vivido", da opressão específica a que é submetido (as mulheres, os homossexuais, os travestis, os operários marginais, os jovens proletários, desempregados, viciados em heroína...), na tentativa de reapropriação da própria luta e de definição de seu instrumentos.

25 março 77. Roma. Alberto processo contra estupradores de Claudia Caputi. Sequestrada dias mais tarde pelos acusados, é torturada e violada novamente. Acusada pelo juiz encarregado do caso de simulação.

"Estes tribunais nunca poderão nos fazer justiça; somente nossa violência organizada poderá fazer justiça aos estupradores, aos assassinos e aos exploradores... Mesmo se nós reconhecemos no subproletário um aliado potencial do proletariado na sua luta pelo comunismo, isso não pode nos deter em nossa resposta, dura e direta, contra os estupradores. Enquanto mulheres, nós todas vivemos a violência da mesma maneira; e da mesma forma que é justo bater num policial (frequentemente subproletário) pelo que ele representa enquanto braço armado do poder na repressão da luta, é justo bater num jovem marginal que assume a ideologia fascista do sistema para voltar a sua carga de violência não contra o seu inimigo real, o Estado, mas contra a mulher". (extraído de Donne Contro, jornal das feministas dos "Comitês autônomos dos operários romanos").



Nos anos 72 e 73, quando os enfrentamentos com a polícia se tornavam quase diários e quando a prática militante exigia uma disciplina férrea, a emergência e o desenvolvimento da luta feminista tornou explícita a crise de militantismo, com o questionamento da relação entre a luta militante revolucionária e a vida cotidiana de cada um. O "individual" é político, o que interessa mais de perto às mulheres, que vivem o cotidiano enquanto oprimidas, do que os homens, opressores cotidianos.

A autonomia não é um modelo de discurso nem a "última posição política", mas sobretudo um comportamento cotidiano que usa a ironia, uma linguagem aparentemente incoerente, certos filmes e músicas que escapam aos circuitos familiares de edições, de galerias ou de cinematecas. A identidade do movimento é encontrada fora do perceptível por sociólogos, políticos, teóricos de partidos ou de academias. Um comportamento e uma linguagem fragmentada, tudo se desenrola a partir de algumas palavras de ordens imperceptíveis, como se tácia e instantaneamente se houvesse constituído um novo código de comportamento.

Numa manifestação, os estudantes de Roma gritavam o slogan: "Gui e Tanassi (4) são inocentes, os estudantes são delinquentes". A ironia provocadora é evidente. Logo depois, um grupo de operários retomava o slogan para manifestar a sua solidariedade, mas eles o traduziram em seus modelos de inteligibilidade — "Gui e Tanassi são inocentes". Os operários diziam a mesmíssima coisa, mas em termos realistas; porque simplesmente não podiam aceitar o jogo da ironia. Não por serem incapazes de compreenderem a ironia, mas porque não a reconhecem como forma de expressão política. (Humberto Eco, *Expresso*, 10 de abril de 1977).

Em março de 1973 — fato que a imprensa não notificou —

os jovens operários que participavam da ocupação da

Fiat-Mirafiori (ocupação que escapava completamente ao controle das centrais sindicais), a fim de mostrar que seu protesto era radical, usavam uma faixa vermelha na testa; e nos desfiles no interior da fábrica substituíam os slogans por um longo "éaéaéa-ô", buzinas e tambores... E ainda em Mirafiori, durante um desfile interno, os operários apagaram as luzes durante alguns minutos e só se escutaram gritos selvagens (F. Berardi e A. Pasquini, *Expresso*, 24 de abril de 1977).

E a cultura oficial, sempre capaz de compreender a linguagem de vanguarda quando esta permanece limitada aos laboratórios, não entendem mais nada quando essa linguagem é apropriada e praticada cotidianamente por grupos que ignoram completamente a cultura oficial. Os meios onde irrompe essa linguagem (ou melhor, essas linguagens) são também diferentes: jornais locais, rádios livres...

"Rádio Alice lhes propõe música, informações, jardins floridos, invenções, descobertas, receitas, horóscopo, filtros, histórias de amor, comunicados de batalhadas fotos, os, mensagens, massagens, mentiras..."

Todo um reviramento dos critérios políticos do normal e do patológico irrompem no cotidiano italiano. O PCI fala de um "Golpe de Bolonha", preparado pela CIA através da National Student Association, de Washington: "Estudantes-agentes" teriam se infiltrado no movimento estudantil de Bolonha. Esta seria a "origem neofascista" da Autonomia e do Movimento italiano (Guido Cappato, *Giorni*, hebdomadário do PCI, 20 de abril de 1977). Uma tentativa de enquadrar a realidade do Movimento no esquema paranóico do complot; talvez a manifestação extrema da incapacidade da esquerda tradicional compreender o que escapa ao seu controle, sempre

escudada atrás de um "sadio realismo" (Eco).

Como se apropriar da luta desses "jovens"? Se, por lado, "a autonomia operária é a representação do comunismo do proletariado multinacional, uma nova composição da classe operária", que inclui os marginais do sistema, aqueles que não têm garantido o "direito" a um espaço político para as suas reivindicações, por outro lado não se trata de recuperar as suas lutas para inseri-las posteriormente nos limites do campo político já existentes. Reivindica-se um novo modelo de comportamento comunicativo, uma subversão dos códigos da sociedade. É, não se trata nem de uma cadeia no Parlamento, nem de uma democratização da sociedade, nem ainda da tomada do poder de Estado.

"Quando os adjetivos e os substantivos começam a se fundir, quando os nomes que designam a pausa e a quietude são arrastados pelos de puro 'vir a ser' e escorregam na linguagem dos acontecimentos, perde-se toda a noção de identidade para o Eu, o Mundo e Deus" (Deleuze, *Logique du Sens*).

O projeto de Maiakovski é redescoberto: "inscrição do corpo e de suas necessidades no texto, na circulação do texto, reinscrição desse texto na consciência e ação coletivas...", no sentido em que, na violação da norma e na transformação dos gestos e da linguagem, existe um sujeito coletivo prático que produz comportamentos e signos capazes de romper, o código da prestação do tempo de vida a uma sociedade exploradora.

A força da Autonomia é também de ser a única forma de contestação do monopólio do espaço político da oposição, estruturado pelo PCI que delimita em debates democráticos e francos em seus hebdomadários e revistas ou nas municipalidades que gere (Bolonha, por exemplo, há mais de 30 anos) — o lugar de toda e qualquer oposição, os li-

mites e as formas legítimas de ação oposicionistas.

Trata-se, portanto, num mesmo movimento, da criação de um consenso à esquerda e do surgimento de uma dissidência que desvende — e pela prática — o processo através do qual se instaura esse consenso: exclusão de certas forças e grupos denominados "neofascistas", hegemonia do PCI e adesão mais ou menos declarada de partidos de extrema esquerda — como o II Manifesto — à estratégia comunista.

No poder ou na vontade de chegar lá, os partidos marxistas vêm produzindo mais dissidências do que revoluções, abrindo-se o espaço e criando-se a distância que permitem ver o marxismo também como técnica de poder e os intelectuais orgânicos do proletariado como funcionários e "burocratas do partido" (cf. F. Berardi, de Rádio Alice).

A autonomia não é um modelo de discurso nem a última posição política. Certo e extremamente confuso: a busca de uma nova Meca sempre se renova.

"Não se perde por esperar — o dia 31 de dezembro foi um dos melhores do ano de 1977: a primeira guerra quente, declarada, com todos seus detalhes aterradoros, entre dois estados marxistas-leninistas: Vietnã-Camboja ou URSS-China? (...) Camboja-Vietnã = brigas de proprietários? Meu terreno, teu terreno; meu arroz, teu arroz?" (A. Glucksmann, *Liberation*, janeiro de 1978).

Culpados de nossa origem de classe, da fome no Nordeste (e no Mundo), de termos nascidos brancos... culpados de termos sentido prazer nisto. Culpados e inocentados. Claro, o nosso passado não é o de um piloto de B-52, nem o nosso presente o da violência armada de certos grupos autônomos: o "mito do P-38". Selvageria? Ao eterno "voyeur" de julgar.

"O marxismo culpado inocenta o marxista, ameaça mascarar a relação que muitos de nós mantivemos, no e pelo marxismo, com uma certa idéia de absoluto" (Claudie e Jacques Broyelle, *Le Monde*, 20 de janeiro de 1978).

A constante busca do Homem Novo em nós mesmos, aquele capaz de detectar o limite entre a "revolta inconsequente" e a Revolução, a essência/ciência do operário, o nirvana da consciência militante, tantos elementos de um otimismo progressista que desenvolve a crença em técnicas de submissão a uma estratégia, a uma ciência e a uma consciência superiores.

No querer "transformar o Homem no que há de mais profundo", de fato falta-nos a coragem de abdicar da grande segurança que nos dá o marxismo, e aceitar a nossa fragilidade.

(STELLA PENIDO)

(1) — alusão aos acontecimentos que ocorreram em Roma em 1974 no bairro de Basilio: duas pessoas foram mortas por tiros quando a polícia tentava desalojar squatters.

(2) — forma de luta que consiste em auto-reduzir os aluguéis, faturas de gás, eletricidade, telefone. As primeiras auto-reduções de massa foram praticadas no fim de 1974. Em 1977 as auto-reduções são sobretudo praticadas por alguns autônomos que recusam de pagar o preço total dos bilhetes de cinema ou de teatro.

(3) — pilhagem e redistribuição de mercadorias.

(4) — antigos ministros italianos ligados ao escândalo Lockheed.

Bibliografia

— Italie 77 — Le "Mouvement", les intellectuels.
Documents rassemblés par Fabrizio Calvi — La édition du Seuil Les Untorelli — "Ce ne sont pas quelques 'porteurs de peste' (untorelli) qui déracineront Bologne" Enrico Berlinguer.
Recherches número 30, novembro 1977

"Eu escrevo, e você? 10, 100, 1000 escrevem nos muros"

ISSO NÃO É UM OUTRO 68

MULHER É BOM

"EVITEMOS QUE TUDO ISSO CAIA NO TRAGICÔMICO

É INUTIL VOCÊ SE FALAR TANTO

O PAPA QUEIMA FUMO E VÊ A VIRGEM

NÃO MAIS MULHERES NEM FILHAS. DESTRUAMOS AS FAMÍLIAS

FILOSOFAR É BONITO, É JUSTO

ABORTEMOS A DEMOCRACIA CRISTÃ

"É SEVERAMENTE PROIBIDO ESCREVER NOS MUROS".

TREPEM COM SEGURANÇA

VIVA OS SIOUX. DESENTERRAMOS NOSSOS MACHADOS DE PEDRA

NÃO SE CONFORME, ROUBE. UM BOM NATAL PARA QUEM ROUBA

DEMOCRACIA É UM FUZIL NA MÃO DOS OPERÁRIOS

GÔZO OPERÁRIO

"LUCIO COLLETI, DEFENSOR DO PROLETARIADO, MANDRAKE-MARXISTA" (na porta do gabinete do professor de filosofia e grande teórico marxista italiano)

SOU O CHEFE DA GRANDE DIREITA NACIONAL. SOU CORTÊS, GENTIL E UM POUCO CÍNICO. AS MULHERES GOSTAM MUITO DE MIM

LSO NO CAFÉ DO COMITÉ CENTRAL DO PCI

MAO MIAU

LÉSBICA É MELHOR

É PRECISO DESBUNDAR MAIS

O EXERCÍCIO DO PODER É UM VÍCIO DEGRADANTE QUE CEGA À REALIDADE

". "ESSAS SÃO AS CASAS QUE EU GOSTO. AS DO LE CORBOUSIER ME TORRAM O SACO" (ao lado da pintura de pequenas casinhas)

BASTA COM O GOVERNO DA CIA EM NOME DE LENIN

RECUSAMOS A VIOLÊNCIA FASCISTA, ASSUMIDA OU NÃO

BERLINGUER PALHAÇO, VENHA AQUI SE VOCÊ AINDA TEM ROSTO

NÃO À PENETRAÇÃO TRAUMÁTICA. SIM AO PRAZER

"AUTONOMIA OU VIRA ANARQUIA OU CONTINUA SENDO UMA MISTIFICAÇÃO ARMADA

ANARQUIA NÃO QUER DIZER BOMBA, MAS PLENA CONSCIÊNCIA

A MACONHA FAZ MAL A QUEM ACHA QUE BERLINGUER DEFENDE OS INTERESSES DOS TRABALHADORES

REVOLUÇÃO, REVOLUÇÃO, REVOLUÇÃO, SEMPRE E SÓ REVOLUÇÃO REVOLUÇÃO PARA FAZER UMA NOVA REVOLUÇÃO

PARA UM USO SUBVERSIVO DO CÉREBRO, BORDEL, BORDEL

CALUNIA LÁ INFAMIA AQUI, O PCI É ISSO AÍ

MORTE AOS INDECISOS

NÃO MAIS SEM O FUZIL

A FANTASIA DESTRÓI O PODER

A VIOLÊNCIA PODE SER CRIATIVA

TREMENDO DESBUNDE ORGASMÁTICO

PROVOCADORES SÃO O PCI E OS SINDICATOS, QUE CHEIOS DE MEDO INVOCAM O ESTADO

BURGUESIA, CARRASCO, COM VOCÊ MORRE A CHATICE

SOMOS MALVADÍSSIMAS, CRUÉIS E DEMONÍACAS. SOMOS MULHERES

BARÕES: MANDAREMOS VOCÊS PROJETEREM SUAS TUMBAS

ZUMBIS, VÃO TRABALHAR" (crítica dos autônomos aos "mortos-vivos" de 68 ativos na universidade)

CHUMBO NO CLERO

JUSTIÇA ÍNDIA: ESCALPOS E MACONHA

ESSES QUE FALAM EM NOME DA CLASSE, DEVERIAM SABER QUE A CLASSE NÃO PODE DIGIRIR TUDO

PAOLA E MARCO TREPARAM HOJE E ONTEM

O PCI ESTOUROU NOSSO SACO COM SUAS MISTIFICAÇÕES

O SANGUE DOS PATRÕES TEM GOSTO DE MALVASIA: ATÉ DRÁCULA ESTÁ NA AUTONOMIA

MATAR UM FASCISTA NÃO É CRIME. MATAR UM COMPANHEIRO É JUSTIÇA FASCISTA

É POSSÍVEL SER MARXISTA DEPOIS DE SARTRE?

LIVREMO-NOS DO CONHECIDO

O DESEJO VOA SOBRE AS ASAS DA HISTÓRIA

NO CHILE CS TANQUES, NA ITALIA OS SINDICATOS

SOMOS ÍNDIOS E AINDA MAIS PUTOS

Em Roma, o Ministério da Instrução Pública gasta uma grana firme em tinta. Periodicamente investe em patética assepsia a aplacar as paredes, os muros, os monumentos, o teto, portas, cadeiras e mesas que exprimem o desejo e a voz dos estudantes. Milhares de escritos de todos os tipos, tamanho e conteúdo: de centenas de cartazes de solidariedade internacional em grego, palestino, árabe, armênio, egípcio, argelino, marroquino, aos murais psicodélicos, os desenhos e as pinturas que cobrem o prédio da irrecuperável Faculdade de Arquitetura, à violência dos slogans da Faculdade de Física.

Na diversidade das palavras dois pontos em comum: o repúdio — com variações de tom — a política do PCI e a ausência de qualquer manifestação do Movimento Social Italiano e seus afins. Os fascistas, que nas ruas de toda Roma, organizados, disputam os espaços publicitários nos muros e paredes em pé de igualdade com o respaldo popular à esquerda, na universidade, hoje, estão impossibilitados de se assumirem.

Estas comunicações foram recolhidas nas faculdades de Química, Física, Arquitetura, Medicina, Filosofia e Letras. As mais óbvias foram desprezadas. A diversidade da produção mais criativa dará uma idéia da quantidade do conjunto. (Ricardo Arnt).

Notas para uma biografia de Sebastiana Feitosa

Somente a extrema indigência de nossa memória nacional pode explicar o relativo esquecimento em que caiu a obra de Sebastiana Feitosa. Originária de Caruaru (6 de agosto de 1919, entre 10 e 10:15 da manhã) seu precoce talento chamou a atenção de um rico usineiro que a levou para sua propriedade nas proximidades de Recife (1934). Na apulenta e sofisticada casa grande, Feitosa pôde pela primeira vez desenvolver de uma forma sistemática suas potencialidades. O protetor requintado e exigente, uma bem equipada biblioteca e a efervescência social que permanentemente movimentava a casa senhorial, logo contribuíram para destruir em Feitosa o mito da "Inspiração espontânea", dando-lhe sólida consciência da necessidade do trabalho árduo e metódico partilhando a criação.

A fase "recifense" constituiu-se principalmente de uma apropriação de processos tradicionais que SF geralmente enriquecia e marcava com toques inconfundivelmente feitosianos, embora as vezes pudesse dar a impressão de simplesmente copiar. (Entre o "repetir para aprender" e o "criar para renovar" está implícito o "aprender para criar".) O trabalho diversificado, o universo social mais amplo e os variados materiais para suas criações, que encontrou ao transladar-se para Salvador (circa 1938), propiciaram a SF um período de intensa experimentação que durou quase até sua partida para o Rio em 1943. Já com segura manipulação de suas técnicas e perfeito conhecimento do espaço onde gostaria de inserir sua produção amadurecida, de descobertas, de pregação do novo (*make it new*).

Pelo menos uma das raízes alimentaram a produção feitosiana mergulha fundamentalmente na melhor tradição francesa. Foi na biblioteca do rico usineiro que SF se abeberou em fontes como *Le Viander*, de Taillevant, *La fleur de toute cuisine*, de Pierre Pidoux e principalmente *Physiologie du goût*. Pode-se afirmar com segurança que a obra de Brillat-Savarin inspirou muitos dos *touchstones* de Feitosa, como essa:

Abobrinhas com ricota
Corte as abobrinhas em fatias de 4,8cm e retire o miolo com uma colher de chá. Coloque-as para cozinhar por um quarto de hora com o seguinte tempero: vinho

branco (1 copo), água (1 copo), caldo de limão (1 colher de chá), óleo (1 colher de sopa), pimenta, salsa e sal. Depois que estiverem cozidas, deixe-as esfriar e recheie-as com o seguinte molho: arroz (duas xícaras e já feito), mas que esteja frio e misturado com o miolo da abobrinha. Refogue-os com um pouco de noz moscada, sal e uma colher (sopa) de caldo de limão.

O acompanhamento é feito com a ricota em creme, que pode ser preparada da seguinte maneira: amasse 500gr de ricota com duas colheres (sopa) de molho de tomate, uma colher (sopa) de margarina.

Quando estiver com a consistência desejada para ser colocada à volta das abobrinhas, prepare o prato. Pode ser ajuntado um pouco de cebola picada, sal, pimenta.

Em Salvador delineou-se o processo de trabalho utilizado por SF para suas criações: cultivo do material; seleção; análise das diferentes possibilidades; eliminação do que na ocasião julgava gasto ou superado. Exigente, SF era quase obsessiva na busca de um resultado que imaginava poder conseguir. Uma eterna cultora do *ingrédient juste*.

Sebastiana Feitosa é até agora a nossa única cozinheira maior. Com bons argumentos poder-se-á colocar acima dela uma grande cozinheira menor, como Otilia de Recife, ou melhor ainda, uma grande cozinheira menor quase também uma pequena cozinheira maior, como a Sra. Maria de São Pedro. Dentro de certo contexto poder-se-á até mesmo dizer que um Jorge d'Auberville ou uma Marilena da Silva, é a maior cozinheira brasileira: em algumas coisas são estas as maiores. Para nós, todavia, pelo menos nesse momento de nossa própria evolução, é Sebastiana Feitosa a maior, a mais alta, a mais vasta, a mais importante, a mais original das cozinheiras brasileiras de todos os tempos. Tem também a vantagem de estar morta.

(Mais de um leitor, coberto daquele *gravity* de que fala Sterne, há de dar seu sorrisinho superior ao ler o parágrafo acima. O amigo se esquece de que, havendo na cozinha muita coisa de lúdico, logo de esportivo, a emulação continua a ser um

motif da grandeza culinária. Cf. a Provença. O resto é farisaísmo.)

Na fase baiana, entre achados, soluções que prenunciavam a Sebastiana Feitosa de sempre, existem produções de extremo mau gosto. Como essa:

Farofa com banana

Fritam-se duas ou três rodela de cebola em três colheres de banha derretida e juntam-se três bananas em rodela. Deixa-se fritar ligeiramente, de um lado e de outro, as rodela de banana e adiciona-se farinha de mandioca em quantidade suficiente para absorver a gordura, e uma pitada de sal. Esta farofa pode ser feita com manteiga.

Mesmo em seus fracassos SF é instrutiva: a última frase aponta uma alternativa mais rica para a fraca composição proposta na primeira.

Foi também nesse período que SF levou ao ápice a adequação forma-conteúdo. Melhor que comentar um objeto de arte é, entretanto, apresentá-lo:

Meninico de carneiro

Depois de bem lavado com água e limão, aferventa-se o feto de carneiro. Deixa-se o bucho inteiro. Os demais miúdos podem ser bem cortados em pequeninos pedaços. Preparam-se os miúdos com folha de hortelã, pimenta-do-reino, cominho, alho, sal, salsa, cebola e vinagre.

A massa é colocada dentro do bucho bem limpo. Costura-se o bucho com miúdos dentro, aferventa-se tudo em água temperada com toucinho.

Deixa-se no fogo a noite inteira. Serve-se com pirão feito do próprio caldo.

Esta receita, aparecendo em língua mais divulgada que a nossa, teria, por si só, garantido à SF um lugar na culinária universal.

A fase de experimentação foi bruscamente interrompida. Influenciada pelo populismo getulista dos anos 40, SF resolveu "servir ao povo". Esse tempo, em que veiculou sua produção no espaço da Feira de Água do Meninos, concluiu-se com uma profunda desilusão quanto às possibilidades transformadoras do populismo. O corte epistemológico de sua obra coincide com a mudança para o Rio.

"A cozinha internacional pode ser considerada como linguagem mundial que

permite a boa compreensão de todos os povos", *dixit* feitos. Há cozinheiras que criam comidas e há as que se exprimem através de comida: SF está entre as primeiras, as que vêem a comida como um objeto vivo, criado, com sua própria linguagem. Para ela a culinária era instrumento e não um fim; era um meio de conhecimento do universo e de comunicação entre os homens; a culinária era, em todos os sentidos, um instrumento de revolução.

Feitosa nunca trabalhou sozinha, descobria e incitava à descoberta, criava e propiciava a criação, experimentava e divulgava seus achados. Era uma militante da culinária e nesse período sua ação foi incomparável. Traduziu e adaptou uma formidável quantidade de receitas provençais e chinesas (alcançando perfeito domínio das técnicas dessa cozinha); manteve constante intercâmbio com respeitados mestres da cozinha internacional; colaborou regularmente em importantes publicações especializadas; participou e organizou vários congressos e simpósios. O mínimo que se pode dizer de sua atividade é que foi exemplar.

Entretanto a articulação de Feitosa no espaço culinário brasileiro deu-se principalmente como *food-maker*. Aí sua inventiva se exerceu com plenitude. Urgimos que os interessados entrem em contato direto com a obra feitosiana: só terão a lucrar. Mas não resistimos a fornecer mais um exemplo do *make it new* de SF:

Opus 391

Põe-se numa panela o bagaço de abacaxi bem espremido em igual quantidade de açúcar (para 1 copo de bagaço, 1 copo de açúcar). Com 2 xícaras de farinha de trigo, 1 colher de açúcar, 2 colheres de manteiga, numa pitada de sal e 1 ovo faz-se rapidamente uma massa. A massa de vidraceiro pode ser encontrada normalmente nas casas especializadas em venda de tinta. Lavam-se, enxugam-se e colocam-se as sardinhas fechadas, como se estivessem inteiras, em camadas, numa caçarola, alternando-se com rodela finas de meio quilo de cebolas e suco de 1 quilo de tomates. Leva-se ao fogo brando e deixa-se cozinhar com a caçarola descoberta durante duas horas. Deve-se servir depois de dois meses. (Marcos Bonisson e Júlio César Montenegro).



Afirmando que o mau gosto de algumas de suas obras devia-se mais a uma prática insuficiente do que a indecisões teóricas, os críticos premiaram a obra de Sebastiana Feitosa exposta em Veneza (1953)

QUE NOVOS FILÓSOFOS

Está cada vez mais evidente que a melhor maneira de atacar a "nova filosofia" que fascina o tout Paris intelectual é o silêncio; pois, até agora, falar contra o pensamento e os livros de Bernard-Henri Lévy, André Glucksmann, Maurice Clavel, Philippe Sollers, Jean-Marie Benoist, Guy Lardreau, Jean-Paul Dollé e tantos outros é, paradoxalmente, favorecer sua divulgação. Uma filosofia que existe em função da publicidade que a envolve, uma filosofia vendida como mercadoria ("Jean-Marie Benoist vos apresenta sua nova coleção: *Croisées*" — diz o cartaz publicitário; qualquer semelhança com os lançamentos da alta-costura é mera coincidência...) — recupera todo tipo de crítica em seu sistema de auto-promoção. De certo modo são os detratores dos "novos filósofos" os responsáveis pela persistência do que poderia não ter passado de uma moda do verão francês.

Se a análise for pertinente para a França — lugar do "acontecimento" — por que então escrever sobre o assunto para o leitor brasileiro? Parece-me que pouco a pouco a "nova filosofia" começa a deslumbrar alguns setores da intelectualidade cabocla. Puro mimetismo? Dependência cultural? Talvez, mas isso não explica tudo. O que parece mais plausível é que a disponibilidade para ouvir o discurso da "geração perdida" repousa sobre uma rejeição do populismo incorrigível de inúmeros marxistas brasileiros e do autoritarismo dessa corrente ao se arrogar o monopólio da oposição e da crítica. Como o debate sobre a "nova filosofia" chega truncado, os simpatizantes acabam comendo o gato por lebre.

Contrariamente ao que se pode supor no Brasil — e a imprensa se empenha em validar essa simplificação grosseira — não são só os marxistas ortodoxos que atacam a "nova filosofia". Muito pelo contrário, há até situações cômicas enquanto o crítico literário de *L'Humanité* (jornal do Partido Comunista Francês) elogiava burramente os livros de Michel Guérin (afinal o autor citava o poeta comunista Aragon quatro vezes, o que é suficiente para atestar suas preocupações políticas!), o que havia de mais estimulante no pensamento francês contemporâneo abria fogo contra o néo-espiritualismo. E embora B.H. Lévy retruque que "o problema não era tanto de polemizar com os "novos filósofos" mas traçar em torno deles um verdadeiro cordão sanitário e, assim, desqualificá-los e silenciá-los", embora Lévy denuncie a "sagrada união" de "todas as capelas", "todos os emiratos culturais" contra a "nova filosofia" para "manter a ordem no front das idéias" — o fato é que a invalidação teórica da nova corrente se exerceu em nome de

posições e a respeito de problemas os mais variados. Impossível explicitar aqui o teor de cada uma dessas críticas; trata-se portanto unicamente de inventariar as questões mais importantes, mencionar sua existência. E, para início de conversa, quem quiser partir de uma análise de filósofo sobre as aberrações filosóficas de um André Glucksmann — o mais respeitado e o mais poupado até agora — basta ler o excelente artigo de Gérard Lebrun (1). no *Jornal da Tarde*.

... x, o inimigo público no.1

Mas vamos por partes. O primeiro ponto que atizou o debate foi, evidentemente, a questão da morte do marxismo. (Lembrete: a frase "o marxismo está morto" não é nova; foi pronunciada antes pelo discurso... nazista.) Os "novos filósofos" se lançaram dizendo, em resumo, o seguinte: 1)

O Gulag existe. 2) O sistema político que produziu o Gulag se diz marxista. 3) O marxismo é um sistema filosófico produzido por Marx. 4) Portanto, Marx Gulag. E, levando em frente as "intuições": 5) Marx leu Hegel. 6) Hegel leu Fichte. 7) Fichte refletiu sobre a Revolução Francesa. 8) A Revolução Francesa é consequência do Iluminismo. 9) Portanto, Iluminismo Gulag. Abaixo a Razão! Viva o Irracionalismo!

Senão, vejamos. Maurice Clavel em *Ce que je crois*: "Os crimes horríveis do marxismo, em qualquer lugar do mundo onde dispõe do poder, não decorrem de nenhum marxista em particular, muito menos de saboteadores ou traidores, menos ainda de desvios, mas da Doutrina". Bernard-Henri Lévy no *Nouvel Observateur*: "Para todos nós que pressentíamos sem saber ou que sabíamos sem dizer, que tínhamos na ponta da língua sem ousar pensar, Soljenitsyne lança esta série de afirmações: não há bicho no fruto, não há pecado original, pois o bicho é o fruto e o fruto... Marx". "Sem Marx não há revolução, mas sem marxismo não há campo de concentração". Os campos são "um efeito entre outros das leis enunciadas no *Capital*". Extraordinária descoberta dos "novos filósofos": Hitler e Pinochet são marxistas!

Mas Marx não só é o responsável pelo Gulag como também o artífice da solidez da burguesia ocidental que há um século vem nos impedindo de fazer a revolução; pois Philippe Sollers não nos diz: Marx, "aquele que salvou a burguesia por mil anos"? ; e Glucksmann: *O Capital* é um tratado "da estratégia patronal e só dela"? Afinal, Marx não é um lúcido representante da burguesia, como demonstra François Lévy em seu livro *Karl Marx, Histoire d'un bourgeois allemand*? Assumindo o ponto

de vista teórico da arrumadeira ("Fuzei nos cantos escuros, coleí o olho no buraco da fechadura, adotei o ponto de vista do valet de chambre"), François Lévy descobriu o judeu que tentou anular sua diferença casando com o dinheiro e a nobreza de uma Von Westphalen, o jornalista cínico, o amigo ingrato de Engels, o marido indigno, o pai odioso, o burguês horrível que engravida a empregada e só pensa numa educação aristocrática e num dote respeitável para as filhas, o ricoço, o especulador, o membro de sociedade secreta, o demolidor da Internacional. Enfim, um crápula acabado. Mesmo que tudo isso fosse verdade, em que isso altera a enunciação das leis da exploração capitalista, as análises do *Capital*?

Seria demasiado longo ilustrar com citações cada degrau do encadeamento "filosófico" da nova doutrina até chegarmos à rejeição do Iluminismo. Para encurtar, basta lembrar a análise de B.H. Lévy (em entrevista com Jean-Paul Morel no *Le Matin*): "O maior obstáculo para se pensar a Revolução é, certamente, o pensamento do iluminismo". "Hoje em dia todo mundo sabe que o racionalismo foi um dos meios, um dos buracos de agulha por onde se insinuou a tentativa totalitária. Hoje todo mundo sabe que o fascismo não é o obscurantismo mas, ao contrário, a luz. Os homens da sombra são os resistentes, mas é a Gestapo que empunha a tocha. A razão é o totalitarismo..."

Em primeiro lugar, o discurso contra o marxismo e contra a prática efetiva que um determinado uso de Marx deu lugar nos países "socialistas" — o chamado "socialismo real" — nem é inédito. Por um lado, há décadas que a direita internacional alerta contra os perigos das "ideologias espúrias e totalitárias". E como lembra Nicos Poulantzas, "Karl Popper, num livro muito conhecido no exterior e originalmente publicado em 1941 (*The open society and its enemies*) já não afirmava que todo sistema teórico "fechado" contém intrinsecamente o universo concentracionário-totalitário, fazendo a origem dos campos nazistas e stalinistas remontar explicitamente, via Marx, Hegel, etc., ao próprio Platão? E quem dirá quantas análises dos novos filósofos se inspiram em Oswald Spengler, Ernst Junger e nas correntes da Alemanha de Weimar? ". Por outro lado, há 40 anos que Trotsky denunciou a carnificina stalinista, há anos que Cornelius Castoriadis, em sua revista *Socialisme et Barbarie*, abriu espaço para criticar os acontecimentos na Hungria, analisar as formas de ação popular contra o governo stalinista, tentar definir um tipo de poder que aliasse o respeito às liberdades democráticas e a gestão coletiva da economia; em 1950 Sartre e Merleau-Ponty já

publicavam no *Temps Modernes* um editorial sobre os campos de concentração soviéticos.

A crise do marxismo e as soluções da "nova filosofia"

Existem inúmeras questões urgentes e importantíssimas no atual debate da esquerda européia sobre a crise do marxismo: Por que o marxismo funciona como teoria crítica da evolução da luta de classes e das formas de exploração capitalista nas sociedades ocidentais e como religião de Estado, como linguagem da elite no poder nos países "socialistas" para liquidar toda oposição? Como explicar a situação da dissidência marxista e seus problemas, depois do depoimento incômodo do dissidente soviético Boris Weil: "O campo é o único lugar onde se pode falar de socialismo. Nenhuma filosofia é tão impopular no seio da população soviética quanto o marxismo. Até aos olhos de nossos amigos, Plouchitch e eu surgíamos como os últimos sobreviventes de uma raça em extinção"? Por que o eurocomunismo não analisa o modelo de sociedade soviética que recusa? Por que demorou tanto para se ouvir essa constatação brutal de um filósofo comunista como Louiz Althusser (3): "A crise do marxismo finalmente explodiu à luz do dia! (A crise) não é um fenômeno recente. Começou nos anos 30, até antes. O marxismo foi fixado e bloqueado em fórmulas, numa linha política e em práticas. Não podemos resolver essa crise dramática invocando Stálin. A herança não foi pura até um determinado momento da história e depois deturpada. A pureza do marxismo é um mito. Hoje nos defrontamos com a necessidade vital de rever uma certa idéia que fizemos dos mestres do marxismo"? E, finalmente, por que o marxismo é capaz de apreender a materialidade dos mecanismos de exploração mas não dá conta dos mecanismos de dominação?

Até agora não há resposta global e definitiva para problemas tão complexos. Só a dos "novos filósofos". Para eles tudo já está resolvido. E mais: no melhor estilo stalinista, como foi amplamente demonstrado por François Aubral e Xavier Delcourt (4) e sublinhado pelo ex-althusseriano Jacques Rancière (5) quando escreve: "Os mesmos que pretendem fazer ouvir a voz dos que resistem aos poderes marxistas retomam a retórica cúmplice de sua opressão. Ou melhor, a crítica do enunciado marxista não se contenta em seguir os mesmos procedimentos da "ciência" marxista, num certo sentido ela concluiu seu efeito: como essa crítica, que deveria tirar para nós as lições de meio século de opressão marxista só servisse para reforçar o que dá força ao dogma marxista: o puro terrorismo da enunciação stalinista, essa palavra do chefe — marxista, leninista, maoísta —

cujo "eu digo que..." dos jovens filósofos traz a marca indelével".

Para decretar a morte do marxismo, os "novos filósofos" não deixam por menos. Como pequenos Stálin da filosofia, decretam: que a natureza, o real e o mundo não existem ("Eu digo: não existe natureza, só existem discursos sobre a natureza". "O real é unicamente discurso". "Ou ainda, o mundo é um fantasma" — diz Guy Lardreau em *L'Ange*); que a ciência é perigosa porque totalitária ("... o conhecimento é o mal (a serpente tentadora) porque faz mal ao corpo; e, no entanto "no início era o verbo" que deve — se quiser ressuscitar os corpos — "se fazer carne" — escreve Dollé em *Voie d'accès au plaisir*; que a história é "a última ciência do desespero" (Jambet em *L'Ange*) e para combatê-la nada melhor que abraçar a ficção, "o romance como tal", como nos sugere Dollé em *Haine de la pensée*.

Descobrimos que o mundo é um fantasma, lutando contra a ciência maligna, fugindo da história, só nos resta, então, engolir sem pestanejar a principal ordem da "nova filosofia": a revolução é inócua, pois o escravo que derrota o mestre, vira mestre por sua vez. E "torna-se mestre — diz Glucksmann — é tornar-se guarda-prisioneiro, é subordinar-se ao comando, desfazer-se de sua pessoa para personificar o estadista, atravessar o muro do tempo". Mais ainda, a revolução é impossível, pois é impossível escapar do Mestre onipotente e onipresente que os "novos filósofos" "descobriram" numa leitura confusa e fetichizada do psicanalista Jacques Lacan. Num texto cômico, Aubral e Delcourt nos mostram que se seguirmos os ensinamentos da "nova filosofia", só há um jeito de abolir o Mestre: furarmos nossos olhos, arrancarmos o cérebro, cortarmos a língua, amputarmos o sexo.

Aqui chegamos ao segundo ponto capital da nova doutrina — bem menos divulgado: a exaltação da ascese, a inutilidade do desejo, o ódio ao sexo. Em *L'Ange* lê-se o seguinte: "Estou aberto para admitir que os militantes comunistas sejam padres leigos, ... que a energia que os anima é a do asceta e do ermitão, imbuídos da raiva paranóica de representar e de fazer justiça; mas essa não é justamente sua grandeza, um último reduto de nobreza num universo sem soberania? Portanto, viva o ideal ascético como exercício ético! Viva o ideal militante como estilo idiossincrasia! O mundo seria melhor se ainda fôssemos religiosos". A análise é aberrante para quem se insurge contra a repressão, mas compreensível. Afinal, o desejo não é o desejo do Mestre? "Dizer que o sexo é do mestre é uma tautologia, como dizer que o discurso do Mestre é do Mestre", teoriza ainda Guy Lardreau. A saída é

QUE NADA!



elevant-se até o Anjo pois "o Anjo não é zero sexo, nem "n" sexo"... "o sexo não é pertinente ao Anjo".

O melhor que se pode fazer é deixar Lardreau e seu grupo discutindo sobre o sexo do(s) anjo(s). Mesmo porque isso só pode interessar aos iluminados. E, enquanto a dissolução do sujeito torna-se um dos temas centrais na filosofia, na literatura, no cinema, na psicanálise, lá se vão os profetas totalizando, restaurando-o. É só abrir seus livros: "eu, porque lúcido e corajoso, vos digo..., eu, como soldado de Cristo..., eu, da geração perdida..., nós, que fizemos maio de 68...". Comentando tamanho ataque de narcisismo, Gilles Deleuze (6) observa que "o Sujeito pensante volta à cena porque, para os novos filósofos, a única possibilidade de revolução é o ato puro do pensador que a pensa impossível". Eu, eu, eu. *Eu, não*, já intitula Samuel Beckett uma de suas peças mais recentes.

Resta a questão do discurso. Posto que só existe o discurso, nada mais natural que os filósofos da geração perdida procurassem a adesão dos teóricos da narração. Mas a operação não colou. Jean-Marie Benoist interpelou o crítico Jean-Pierre Faye, querendo saber se a raiz dos discursos totalitários é uma raiz política pura ou se certos discursos filosóficos, particularmente o marxismo, e até, talvez, o cartesianismo, não seriam portadores dessas consequências.

Trecho da resposta de Faye (7): "Quando se nomeou "revolução" a linguagem ultra-conservadora da Direita alemã, nasceu o nazismo. Quando a linguagem da revolução russa, que inicialmente era a da abolição da pena de morte e da libertação da condição judia (dois índices que não enganam nunca), tornou-se a (linguagem) da razão de Estado conservadora, entrou-se então no fato stalinista. Formas inteiramente outras, e inversas. Todos os nobres discursos do pensamento estão implicados aí dentro, de Rousseau, a Kant e de Diderot a Marx, por um lado, e... de Chateaubriand a Wagner, de Schopenhauer a Nietzsche. Mas não é o processo dos filósofos que se precisa abrir — seria uma outra forma de "processos de Moscou", do processo dos grandes bolcheviques vencidos, torturados e executados por Stálin, e agora estranhamente insultados por Soljenitsyne. Não o processo dos filósofos — mas a filosofia desse processo. A crítica do processo de narração dos crimes".

A "nova filosofia" e o espetáculo

Escreveu-se muito sobre o caráter publicitário da "nova filosofia", sobre a irrupção do marketing filosófico, sobre o empresário B.H. Lévy. Verdade que nunca se viu uma corrente

de pensamento ser bombardeada como sabão em pó! Lógico que a intelligentsia parisiense está sempre elegendo tal ou tal autor como o pensador do momento, lotando seus cursos, sorvendo suas palavras; mas antes isso ficava restrito a círculos mais ou menos fechados, não chegava ao chamado grande público. Curiosamente, no entanto, passou quase despercebido um aspecto que parece ter favorecido a circulação da "nova filosofia" nos meios de comunicação de massa.

O problema é o seguinte: se a televisão, o rádio, a grande imprensa acolheram a doutrina com tanta sofreguidão, o fato não se deve apenas aos temas desenvolvidos mas também à forma do discurso, ao estilo que marca as obras e intervenções dos adeptos. O que é novo na "nova filosofia" é o que se poderia chamar de "mise en scène" do discurso, é o surgimento no cenário intelectual de uma espetacularização da escrita, a abertura de uma nova frente na sociedade do espetáculo. O que caracteriza o discurso dos "novos filósofos" é o aspecto bombástico de seus slogans, a teatralização de sua escrita excessiva — aspectos correntes e básicos da prática cotidiana dos meios de massa. Tudo indica que há uma verdadeira isologia entre a postura dos homens de imprensa diante da escrita e a postura dos "novos filósofos". Não importa muito o que se diz, não importa que seja contraditório, incoerente; o fundamental é que seja bem dito, brilhante, chamativo, provocador — como as manchetes dos jornais, como as tiradas dos outdoors. É isso que dá valor à mercadoria anunciada, é isso que a distingue de suas concorrentes. Sintomaticamente, é na imprensa (no dossier que Bernard-Henri Lévy preparou para a *Nouvelles Littéraires* de 10/6/1976) que surgirá pela primeira vez o termo "nova filosofia" — como uma etiqueta para atrair a atenção sobre a existência de um produto cultural inédito a ser consumido.

Nesse sentido, de todas as análises a de Oliver Mongin (8) aparece como a mais pertinente. "A nova filosofia corresponde, antes de mais nada, a uma filosofia que se curva à lei dos meios de comunicação de massa. Porque o discurso difuso e descosido dos novos filósofos só pode se conhecer em função de seus efeitos, o que implica que ele seja imediatamente encenado. ... Mise en scène que não seria muito original se não se adequasse ao tipo de discurso privilegiado pelos meios de comunicação. Assim, o discurso da nova filosofia é um discurso da Vulgata. ... Esse discurso é apenas uma série de efeitos de discurso e não dos efeitos do discurso.

Inúmeros são os autores da geração perdida que buscaram no discurso de Jacques Lacan um modelo de expressão e uma caução. Mas se o que caracteriza o estilo lacaniano, se o torna inconfundível e faz sua força, é a realação singular do psicanalista com a linguagem, vale dizer com seu próprio inconsciente, escrever como Lacan só pode resultar num pastiche lamentável, só pode conduzir à impossibilidade de se procurar um estilo próprio. Vira maca quice. Desse problema, os próprios analistas lacanianos estão cada vez mais conscientes: começa a tomar corpo a idéia de que precisam analisar sua relação ao Mestre, ao seu discurso, questionar seu encanto e influência, examinar em que medida ele pode ser castrador. Trata-se da questão da própria sobrevivência dos analistas enquanto analistas. E porque Lacan escreve frequentemente na primeira pessoa, os "novos filósofos" vão fazer o mesmo. O que fica fácil na medida em que o discurso da doutrina se baseia num duplo testemunho. Por um lado, os autores podem se auto-proclamar detentores da verdade invocando o estatuto de ex-combatentes de maio de 68, de ex-maoístas, de cristo-esquerdistas (como se confessar uma ilusão fosse uma garantia de que não se vai errar mais!). Experimentados, desiludidos, pessimistas, se autorizam então a revelar à "plebe" o que é bom ou mal, a excomungar quem não está de acordo, a apoiar a direita nas próximas eleições, a assinar manifesto ao lado de Raymond Aron contra a União da Esquerda. Por outro lado, na falta de mártires domésticos do marxismo, nada mais cômodo que se apropriar das vítimas do Gulag através do testemunho de Soljenitsyne.

Se há algo de escandaloso na "nova filosofia" é a usurpação da luta dos dissidentes soviéticos e a tentativa de transformá-los em espetáculo para o consumo da vanguarda européia. David Cooper (9) apontou recentemente uma distinção central para se entender o que ocorre nos países do Leste: a distinção entre dissidência e dissensão (do inglês *dissent*, diferença de pensar, de sentir). "Dis-sidência quer dizer: instalar-se num outro campo". Ora, existem dissidentes "que não querem se instalar num outro campo, mas ... pensar de maneira diferente". O movimento de contestação nos países do Leste não implica, portanto em renegar necessariamente o marxismo. Muito pelo contrário. Viktor Fainberg, companheiro de Vladimir Borissov num hospital-prisão soviético precisa porque Borissov não é defendido por uma certa opinião: "primeiro porque é operário; depois, porque é socialista, marxista". Evidentemente, para os "novos filósofos" tudo isso é sutileza supérflua: já não decretaram que

Soljenitsyne é o modelo, a prima-ballerina?

No turismo ideológico tudo é possível. Degustados a Revolução Cultural chinesa, o Chile, Portugal, a fração in da intelligentsia parisiense descobriu o Gulag e o frisson de contemplar o circo dos horrores, a estética da "Resistência". Em *La cuisinière et le mangeur d'himmes* André Glucksmann convida-nos a ocupar o camarote: "A arte inscrita na pele para não morrer pelo Estado. De chaga em chaga, os escravos crucificados sempre trocavam suas verdades; há muito portador da beleza e da bondade, o corpo tornou-se o enjeu do século amantes e escultores de um lado, policiais e torturadores do outro". "A arte suscita uma comunicação selvagem de pele a pele, de chaga que, na plebe, não acaba nunca. O oficial da *Colônia Penitenciária* estava enganado, não é o discurso do mestre que se pode ler nas carnes mortificadas: os feridos trocam olhares, as feridas falam às feridas. Estranhamente. Horivelmente. Brutalmente, pois trata-se de quebrar o monopólio cultural (10) do mestre". Os prisioneiros de Stálin que deceparam uma mão para atirá-la dentro dos caminhões de trigo destinados à exportação se enganavam se pretendiam comunicar ao Ocidente — e a que preço! — a opressão política que os esmagava. Glucksmann não ensina que estavam apenas acrescentando um vocábulo no diálogo com seus semelhantes?

Política da arte ou estetização da política — tal era a alternativa apontada por Walter Benjamin. A segunda opção desembocava em algo já nosso conhecido: o fascismo. (Laymert Garcia dos Santos)

(1) Gérard Lebrun, "Resposta", *Jornal da Tarde*, 10/9/77

(2) Nicos Poulantzas, "L'intelligentsia et le pouvoir", *Le Nouvel Observateur*, 30/5/77.

(3) Robert Solé, "Les représentants de la gauche européenne affirment qu'il faut 'transformer le marxisme'", *Le Monde*, 15/11/1977.

(4) François Aubral e Xavier Delcourt, *Contre la nouvelle philosophie*, Coll. Idées, Gallimard, Paris, 1977.

(5) Jacques Rancière, *Le Nouvel Observateur*, 25/7/1977. (6) Gilles Deleuze, "A propos des nouveaux philosophes et d'un problème plus général", Suplemento do no. 24 da revista *Minuit*, Paris, maio de 1977.

(7) Jean Pierre Faye, "Post Votum — Réponse aux 'nouveaux philosophes'", *La folie encerclée* — *Change* no. 32-33, Ed. Seghers/Laffont, Paris, outubro de 1977.

(8) Olivier Mongin, "D'une Vulgate à l'autre", *Espirt* no. 12, Paris, dezembro de 1977.

(9) David Cooper, "Enfermement, psychiatrie, prison — dialogue avec Michel Foucault et David Cooper", *Change* no. 32-33.

(10) Sublinhado por min, LGS.

“Enquanto a produtividade crescente não for controlada pelos próprios indivíduos, a emancipação econômica e cultural das mulheres só lhes dá uma parte igual no sistema do trabalho alienado.” (Marcuse)

A oposição homem-mulher é a história da patriarcal. Este conceito retoma a idéia central de Marx quanto à relação inseparável entre a história da natureza e a história do homem e à maneira pela qual o Capitalismo a transforma em uma “catástrofe irracional”. Não trata mais de uma comunhão entre o homem e a natureza como quando Marx diz: “o homem vive da natureza, significa que a natureza é seu corpo com o qual deve manter um processo constante para não morrer. Dizer que a vida física e intelectual do homem está indissolúvelmente ligada a si mesma porque o homem é parte da natureza.” Na sociedade capitalista o trabalho é a atividade imposta ao homem pela divisão social do trabalho. Qualquer estrutura social de divisão do trabalho que não leve em conta as aptidões e necessidades do indivíduo ao que lhe assinalar funções acorrenta a atividade a forças econômicas exteriores. O homem não pode escolher seu trabalho pois este lhe foi prescrito por sua posição no processo social de produção: “consequentemente, diz Marx, o trabalhador só tem a sensação de estar consigo mesmo quando está fora do trabalho e quando está em seu trabalho se sente fora de si (...). Seu trabalho não é, pois, voluntário mas imposto: é trabalho forçado. Isto significa, antes de mais nada, que o trabalho é exterior ao trabalhador, isto é não pertence ao seu ser; consequentemente o trabalhador não se afirma em seu trabalho mas nega-se; não se sente à vontade mas desaventurado, não realiza uma livre atividade física e intelectual mas sim martiriza seu corpo e arruina seu espírito.”

Tal contradição resulta de um ato violento com relação à natureza: ao querer abrigar-se da ameaça que representa a natureza, o homem a submete cada vez mais à sua dominação. O desenvolvimento das forças produtivas na sociedade capitalista realiza a absoluta dominação da natureza e redundando na dominação dos homens pelos homens para desembocar na dominação da natureza interior ao homem. Assim, a Razão que quer conhecer a natureza libertando-se do mito termina, segundo Adorno e Horkheimer, em combinação do intelecto com a natureza de tipo patriarcal: “O intelecto que vence a superstição deve ser o senhor da natureza desencantada”.

A dominação masculina com respeito à mulher é um dos capítulos da dominação do homem com relação à natureza. O desenvolvimento das mulheres foi determinado e limitado pelas experiências próprias à sociedade antiga, feudal e burguesa como também pelas necessidades especificamente masculinas. Na dicotomia masculino-feminino subsiste, porém, o ser humano, comum aos indivíduos homem e mulher, o ser humano cuja liberação e desalienação estão para ser conquistados.

O movimento de mulheres (pela natureza de sua opressão) é portador da negação dos valores de exploração e de repressão próprios à civilização patriarcal: negação dos valores agressivos e produtivistas que se traduzem na forma do capitalismo, da produtividade regida pelo lucro, da busca do sucesso a qualquer preço, eficácia, espírito de competição — negação da ética do trabalho que significa para a grande maioria da humanidade a condenação a um trabalho alienado e desumano.

O “eterno feminino” em contrapartida ao caráter masculino da cultura, seria a receptividade a sensibilidade, a não-violên-

cia, a ternura etc: isto é, a oposição contra a dominação e a exploração.

O processo de masculinização da sociedade tem, diz Marcuse, uma história milenar: “no início, a defesa da sociedade que se estabelecia e sua hierarquia dependia da força física, o que teve por consequência reduzir o papel da mulher, periodicamente impossibilitada pela gravidez e cuidado com as crianças. A dominação masculina, uma vez estabelecida nestas bases se estendeu, desde uma esfera na origem militar a outras instituições sociais e políticas. A mulher passou a ser considerada um ser inferior, mais fraco, essencialmente auxiliar, apêndice do homem, objeto sexual, instrumento de reprodução (...). Seu corpo e seu espírito foram retificados; tornaram-se objeto. “Na Ideologia Alemã (1845-6), Marx e Engels elaboraram os fundamentos para um estudo da condição feminina com um dos aspectos cambiantes da situação material através dos tempos. Assim, as relações dos homens com a natureza não afetam apenas sua própria natureza mas também a natureza de suas relações recíprocas. E a associação dos homens dá nascimento à divisão do trabalho “que não é outra coisa senão a divisão do trabalho no ato sexual”. Marx e Engels distinguem a divisão do trabalho fundada no sexo — disposições naturais, força física, faculdades acessórias — da divisão do trabalho formal e institucional fundado primeiramente na atividade mental e material e mais tarde na propriedade. Marx pensava que a liberação da mulher da dependência econômica de que sofre no regime da propriedade privada abriria o caminho a relações verdadeiramente humanas; opunha-se violentamente às idéias dos “comunistas vulgares” que pretendiam estender a propriedade comum às mulheres. Segundo Marx, agindo-se desta maneira apenas se substituiria a propriedade pública à privada, e nos dois casos as mulheres estariam excluídas do “desenvolvimento humano”. Engels precisou esta idéia em seus *Princípios do Comunismo*, esboço para o Manifesto de 1847: “a propriedade comum das mulheres é uma condição característica da sociedade burguesa cuja expressão moderna é a prostituição. Mas a prostituição se funda na propriedade privada e com ela desaparecerá. Assim, a sociedade comunista, ao invés de introduzir a propriedade comum das mulheres, suprime-a”.

Para Marx e Engels, o burguês vê na mulher um meio de produção: a mulher é objeto e propriedade. Assim, apenas como trabalhadora é que a mulher conseguiu um certo tipo de igualdade — e no *Capital* Marx diz: “se os efeitos imediatos (do trabalho das crianças e das mulheres) são terríveis e repugnantes, este não contribui menos, por isso, atribuindo às mulheres, às jovens, às crianças de ambos os sexos uma larga parte no processo de produção fora do espaço doméstico, para a criação de novas bases econômicas necessárias a uma forma mais elevada de família e de relação entre os dois sexos”.

O papel da mulher mudou gradualmente com o desenvolvimento da sociedade industrial. Sob o impacto do “progresso técnico”, a reprodução social depende cada vez menos da força e da capacidade física no processo material de produção e no comércio. O resultado foi uma exploração mais ampla das mulheres enquanto instrumento de trabalho, tanto na produção quanto como donas-de-casa e mães; além disso, a igualdade entre homens e entre homens e mulheres pode ser conquistada no plano econômico e político no interior do próprio sistema capitalista: deste ponto de vista, a mulher passa a apresentar o mesmo caráter agressivo e competitivo dos homens para conservar um emprego ou conquistar aumentos de salário. Marcuse diz então que “a igualdade não é a liberdade (...). A igualdade uma vez conquistada, a liberação deve ultrapassar o quadro do capitalismo, subverter a atual hierarquia das necessidades” — e isto por que o enfraquecimento da base social da dominação masculina não pôs um paradeiro à dominação perpetrada pela classe dominante que continua exercendo seu mandato.

A partir das últimas obras de Engels, costuma-se dizer que a participação das mulheres no processo produtivo era condição de sua emancipação. Mas sua atividade era olhada mais como uma responsabilidade para as mulheres de exercício de seu controle de trabalhadoras do que como a base de uma nova forma de família ou de mudança nas relações entre os sexos. Seria interessante lembrar que nos escritos de Alexandra Kollontai, bem como nos discursos oficiais dos primórdios da Revolução Russa, a nova moral liga-se diretamente à produção “o comunismo, diz Riazanov, é inconcebível sem o registro de todas as forças produtivas” — o indivíduo é considerado do ponto de vista do produtor de bens. E Kollontai: “A revolução libertou a mulher da atmosfera fechada e sufocante da família para transportá-la ao vasto espaço da vida social (...). Em 1920, para 16 províncias, quase 150.000 mulheres trabalhadoras tomaram

A ESCOLA DE FRANKFURT

parte nos sábados comunistas. Os sábados, isto é, o trabalho voluntário para a coletividade, completaram o trabalho obrigatório". Marcuse observa que a nova moral era mais a de uma coletividade no trabalho do que a de uma comunidade de indivíduos livres. Deste modo, a perspectiva de Marx segundo a qual "é evidente que a equipe de trabalho coletiva composta de indivíduos dos dois sexos e de todas as idades será necessariamente, em circunstâncias favoráveis, uma fonte de realização humana", torna-se difícil de ser aceita cem anos depois.

Outra fonte de desenvolvimento e realização humana se encontra, segundo Marx e Engels, no amor. Acreditavam que o amor sexual individual encontraria sua expressão mais completa na sociedade comunista, já que faria desaparecer as coações de ordem econômica do capitalismo e a alienação de todas as relações sociais. Nem Marx nem Engels concluíram que as relações sexuais deveriam caminhar ao domínio público: ao contrário, o comunismo ofereceria a cada ser humano uma vida pessoal mais plena: "o comunismo transformará as relações entre os sexos em um assunto estritamente privado só concernindo as pessoas implicadas, no qual a sociedade não terá nenhuma ocasião de intervir". Enquanto as condições materiais de realização da sociedade comunista não forem atualizadas, as relações humanas e culturais só podem ser delineadas. A questão do amor não comporta para Engels uma resposta no interior de um sistema de dominação e repressão "antes do surgimento de uma geração de homens que nunca tiveram aprendido na vida o que significa comprar boas graças de uma mulher com dinheiro ou poder; de uma geração de mulheres que só se tenham entregue a um homem por amor ou que se tenham recusado a seu amante por medo das consequências econômicas de seu ato".

Hoje, as condições para a realização do amor estão lançadas, porém em um quadro de alienação e de dominação crescentes. É neste sentido que Marcuse fala da "categoria da obscenidade". É obsceno da parte da sociedade produzir e estampar inescrupulosamente uma quantidade esmagadora de mercadorias enquanto que suas vítimas se vêem privadas do estritamente necessário; ou se empanturrar de alimentos, encher de detritos suas latas de lixo enquanto que nas zonas da agressão ela destrói e envenena os raros gêneros comestíveis que existem.

Segundo Marcuse, a reação normal à obscenidade é a vergonha, geralmente interpretada como a manifestação fisiológica do sentimento de culpa que acompanha a transgressão de um tabu. Mas as exhibições obscenas da sociedade de abundância não provocam, normalmente, nem vergonha nem sentimento de culpa, mesmo se esta sociedade infringe os tabus mais importantes de nossa civilização: "A noção de obscenidade releva da esfera sexual, a vergonha e o sentimento de culpa provêm da situação edipiana. Se, pois, a moralidade social está fundada na moral sexual, tem-se o direito de pensar que a ausência de vergonha na sociedade de abundância, e o recalque eficaz do sentimento de culpa correspondem a uma atenuação da vergonha e do sentimento de culpa na esfera sexual. De fato, a exibição da nudez, para todos os fins de ordem prática é autorizada e mesmo encorajada; os tabus sobre as relações pré-conjugais e extra-conjugais se distenderam consideravelmente. Estamos assim em confronto a um paradoxo, que a liberação da sexualidade serve de base instintiva ao poder repressivo e agressivo da sociedade de abundância (...). A maneira pela qual o capitalismo organizado sublinhou a frustração e a agressividade primária dos indivíduos, para utilização de maneira produtiva na sociedade não tem precedentes na história (...); jamais pôde engendrar um tal contentamento da vida, uma tal satisfação, jamais produziu tão bem a "servidão voluntária". A exploração e a dominação, nos países de grande desenvolvimento das forças produtivas não são mais vividas como penosas pois são "compensadas" por um nível de conforto inigualável.

EA QUESTÃO FEMININA

O interesse real da classe operária é o de atingir uma situação em que o homem possa determinar sua própria existência sem subordiná-la por mais tempo aos imperativos de uma "produção de rendimento" nem se submeter a um aparelho controlado por um poder que o indivíduo não controla e que determina que produza pacificamente os meios de destruição social. Enfim, trata-se, no marxismo, de abolir a dependência do indivíduo com relação a um mercado cada vez mais saturado de mercadorias, para pôr um termo a sua existência de consumidor que se consome a si mesmo na compra e na venda. Uma verdadeira apropriação da "natureza humana para o homem" só pode se realizar historicamente pela transformação da maneira pela qual a propriedade é adquirida e das relações sociais que dela decorrem: segundo Marx, a situação operária é a expressão mais geral da alienação humana. A prostituição é apenas uma forma mais particular da prostituição universal do operário. O operário vende sua força de trabalho e sua vida em troca de um salário, o que transforma em simulacro todas as relações sociais: "o salário, diz Marx, tem o mesmo sentido que a manutenção de qualquer instrumento de produção como o óleo que serve para manter as engrenagens das máquinas em movimento".

O movimento de mulheres, segundo Marcuse, no quadro da luta de classes transcende a opressão econômica e cultural masculina de relações mercantis, apontando para a realização de uma sociedade com características atribuídas às mulheres na longa história da civilização patriarcal. Para Marcuse, trata-se de modificar a noção de socialismo, já que remanescentes do "princípio de rendimento" permaneceram no interior do socialismo marxiano, como por exemplo, o desenvolvimento cada vez mais eficaz das forças produtivas, com uma exploração da natureza cada vez mais produtiva, além da separação entre o "reino da liberdade" com relação ao "mundo do trabalho".

O movimento de mulheres traz consigo a imagem não apenas de novas instituições sociais mas também a de uma mudança de consciência, de uma transformação das necessidades instintivas dos homens e das mulheres liberadas dos estrangimentos da dominação e da exploração. Neste sentido "a liberação das mulheres, diz Marcuse, será de um só lance, a liberação do homem".

(Olgára Chain Féres Matos)

Diante das diversas vertentes do movimento de mulheres e com a convicção marcusiana de que se trata de um dos movimentos políticos mais importantes de nossa época, é que procuramos apresentar uma discussão teórica sobre o tema e a necessidade de se pensar um "socialismo feminino". O movimento de mulheres é potencialmente, para Marcuse, o mais radical, "embora o conjunto do Movimento não tenha ainda clara consciência disso."



Problemas de um Teatro politizado: sobre “O Santo Inquérito”

Já nos séculos XVI e XVII, sabemos, se mostram os mais significativos sinais da ordem burguesa. E é aí que uma nova representação do mundo define seus traços. Não mais o império do repouso, do estático, mas o do movimento. Não mais a unidade harmoniosa do “corpo” social, garantida por uma distribuição das diferentes funções entre os diversos agentes, que assim conspiram pelo bem de um todo solidário. Agora a divisão e a luta entre interesses de classe. Movimento e divisão refletem e rasgam os novos caminhos do domínio da burguesia. — Ora, nada mais pertinente, então, que dissecar o impacto dessas mudanças na sensibilidade e psicologia dos homens nela envolvidos. Nada mais legítimo que interrogar o século XVII para compreender, na origem, tribulações que hoje nos afrontam. E é assim que Dias Gomes parece buscar Branca Dias, vítima, no próprio Brasil, do autoritarismo inquisitorial, e a figura central de “O Santo Inquérito”.

As determinações da personagem são precisas. Encravada no século XVII da Pará Colonial, rebento de Cristãos Novos, para quem a religião já não brota mais da espontaneidade do espírito — já diziam os escolásticos que o costume constitui uma segunda natureza —, mas surge como imposição de um poder exterior; alimentada nos novos livros e conhecimentos que o noivo, recém-vindo de Coimbra, lhe traz, para Branca Dias os deuses da religião oficial fizeram-se postigos e, então, incômodos. Assim, memoriza com dificuldade os mandamentos, esquece-se de renovar a lâmpada votiva, das devoções até mesmo das obrigações da missa dominical.

No entanto, por outro lado, sente-se em alegre espontaneidade junto a Terra, como num grande e maravilhoso jardim. Comunga com as águas frescas do rio — movimentando-se ágil e fácil pelas suas correntes¹ — sua pele escaldada pelos panos, sempre excessivos, das noites de mormaço. Mostra-se complacente com o próximo quando seu corpo, empoeirado e fatigado pelo trabalho e as estradas, busca a satisfação do banho mesmo se isso implica na transgressão dos interditos das sexta-feiras. Observa com fascínio o trabalho das formigas — como Galileu o dos astros —, e mesmo, arrastada por qualquer simpatia vital, se apieda delas e as salva quando as vê ameaçadas pelos venenos e inseticidas que procuram sem cessar preservar as culturas. E fascina-se, e se extasia, e brinca com as luzes — sejam do sol, sejam dos novos saberes — e com a liberdade. — Esse é o quadro que nos é dese-

nhado no movimento inicial da peça. A personagem no seu aparecimento imediato. O momento da sua inocência. É preciso, porém, já à aqui assinalar que o texto procura apontar, insidiosamente, esse momento como o da "naturalidade", reiterando o velho vício da ideologia burguesa de confundir o espontâneo com o "natural", o imediato com o que é "primeiro". Ora, isto gratifica sobremaneira um certo público, avesso ao trabalho e à crítica do intelectual, e que se desculpa procurando legitimar, pela gratificação da espontaneidade da natureza, sua ingenuidade preguiçosa — complemento necessário de todas as formas de autoritarismo. Ora a natureza! "Ça n'est qu'un mot", já se disse, em denúncia desta ilusão. Melhor ainda, porém, é verificar que esta é a palavra e a imagem usada com mais eficácia pela ideologia.

O momento subsequente é o da perplexidade. A ordem religiosa instituída, contraposta à natureza, reagirá ameaçadora. Branca Dias terá que empreender contra ela um duro combate — na verdade, é necessário lembrar, para muitos, que a burguesia tem uma face combativa e revolucionária. — No primeiro surto veremos abaladas as hostes do inimigo no padre-soldado da Companhia de Jesus, salvo de um afogamento por Branca e confundido (e atraído) por sua pureza. Porém o jesuíta, como aliás quase todos os soldados procurará exorcizar a dúvida refugiando-se sob o escudo opaco da fidelidade, esta forma a mais cruel da ingenuidade. Mal refeito, no entanto, investirá com todas as suas artimanhas, e será Branca, então, a se ver envolvida na insegurança e na perplexidade. E já nem mesmo na firmeza e argumentações do noivo encontrará socorro... Este, coimbrão moderno, lhe dará lições sobre o movimento e a relatividade. Para o navio que se afasta o porto parece em movimento. Não há então, porque deixar-se cair nos termos e intransigência da hierarquia religiosa. Se a Bíblia ensina que Josué parou o Sol, firmado agora o heliocentrismo, compreenda-se que, na verdade (e verdade agora como resultado de trabalho científico), Josué parou a Terra, e que o Sol estatelado no firmamento não passou de uma impressão puramente subjetiva dos observadores. E não há, portanto, porque temer o caos e o ceticismo, as Bíblias, mesmo traduzidas (ou porque traduzidas), poderão ser mantidas.

Branca Dias, no entanto, tira dessas exposições de física e exegese inquietações mais profundas; e resvala, com angústia, o abismo da perda das referências. Seus gestos podem ser interpretados, vistos por outro de maneira diferente do que ela própria os sente e vê. Ela pode estar no porto e o olhar do outro no navio; ou vice-versa. Quem, então, poderá se arvorar em referência absoluta, em fiador da verdade? E o que é o bem? O que tem para si como bem é ocasião de escândalo. Seu gesto de amor é o tormento do padre jesuíta. A astúcia de Satanás não será fazer dos puros e dos inocentes o seu instrumento, como explica o padre? — E a inocência de Branca trinca e ameaça-se fazer em pedaços... Não mais colaria seus lábios ao de um afogado como fizera ao padre quase perdido por esse mesmo gesto que salva. A boca que lhe devolve a vida a restitui atormentada e sem paz. E se o bem, se revela mal no fim das contas, o mal (a violência e o ódio da inquisição) se mostrará como bem?

Estas questões, as mais preñhes e ricas que a burguesia, no seu momento revolucionário, teve que defrontar — a obra de

Maquiavel, por exemplo, será outra coisa? —, o texto, se as sugere, mal compreende seu alcance, e se encarrega logo de as abafar. Certamente não foi outra coisa o que fez a própria burguesia recém-nascida ao conseguir sustentar-se sobre as próprias pernas. A experiência de "poder" a faz, inevitavelmente, conservadora. Se substituir o repouso pelo movimento na representação do mundo, apressar-se à a lhe dar leis, fixas, matematizadas, "objetivas", através de suas ciências, naturais ou sociais. Mostroar-se à necessário domar a mobilidade e reunificar o mundo social. Caso contrário estará em risco sua dominação. E o movimento se transforma em progresso, desenvolvimento (do mesmo, é claro!), e uma ordem de novo se estabelecerá. Não é, no entanto, um pensamento verdadeiramente crítico o que apenas registra, com respeito (e, então, sempre chancela), os caminhos da História, mas o é o que escarafuncha os porões e traz para a sala de visitas os móveis que essa família, agora bem comportada, teima em esconder. É preciso mostrar que os antigos deuses só mudaram de nome, que a velha religião apenas tem novos ministros.

Ora, Dias Gomes só consegue fazer de Branca a mártir de uma nova fé e sabemos que nenhuma religião passa sem eles — re-produzindo, ponto por ponto, a estrutura dos outros edificantes da catequese cristã, engendrada pelo mesmo espírito autoritário que a peça quer condenar: a herofania, atravessando o purgatório (ou o vale de lágrimas!) da dúvida chega, no final, ao céu da verdade pela mediação salvífica do

sacrifício exemplar do noivo, que escolhe morrer para não renegar suas crenças. É a adesão afetiva à persuasão desse gesto que ilumina para Branca a verdade e lhe dá o caráter de evidência, da mesma forma que é o gesto sacrificial de Cristo que catalisa a adesão amorosa dos crentes a seu caminho, verdade e vida. Em contraste a covardia do pai (Ah! os cristãos-novos de todos os tempos, sempre ágeis e prontos a confessar todos os credos, desde que preservados seus interesses), a fortaleza moral do jovem amado a reconduz às certezas e à necessidade de trilhar o mesmo caminho por ele percorrido. E Branca buscará a consagração da morte, a peça termina por abater as interrogações suscitadas mediante uma "saída" moral, dentro da estrutura mais clássica da tradição e teologia cristãs, embora traduza, como o noivo de Branca faz com a Bíblia, a linguagem arcaica do dogma pela terminologia modernizante e laica da racionalidade da natureza. E o que no início era imediatez e ingenuidade, no final é sacramentado, sem que autor se dê conta que também esse novo saber se constitui por um exercício de autoridade. O artifício da adesão simpática legítima (pela "evidência"), e torna desnecessária a busca impossível do fundamento. E Branca Dias Gomes poderá, então, se dirigir, didaticamente, aos espectadores para lhes dizer que mais vale a dignidade que a liberdade. Escolher a morte não é aqui o último e paradoxal reduto da liberdade (como viu Montaigne, com acuidade, já no século XVI); é martírio. — E Branca defende, com obstinação, as nossas mesmas verdades. O público só tem a chorar (e chora!) as adversidades dos tempos de obscurantismo; e, fortalecido na fé, em seus valores e na sua modernidade, aplaude — de pé.

A excessivamente evidente intenção pedagógica da peça, tenta-me também ao excesso. Deixo-me tomar pelo impulso

de ser mais didático.

Esse texto, escrito, ao que consta, já há um certo tempo por Dias Gomes, vem à cena dentro de uma conjuntura bem determinada. Referimo-nos, sobretudo, à grande mobilização dos intelectuais, estudantes, artistas e "amplos setores da população", sob a bandeira das modernas liberdades democráticas. Protesto contra a compreensão asfixiante levada a efeito por um regime confessadamente autoritário. Combinado a uma razoável dose de pressão liberalizante americana e uma certa emancipação da ordem dos nossos tecnocratas, esse movimento redundará hoje em alguma mudança na face do sistema. O momento da propaganda mais moralizante do movimento de 64, momento inevitavelmente marcial e inquisidor, apresenta sinais bastante nítidos de desgaste. Já não se reza mais com tanto fervor no altar da religião do civismo, cultuado até o ridículo durante tanto tempo. Gestados e bem nutridos durante 14 anos, uma camada de burocratas e empresários, umbilicalmente vinculados ao Estado, hoje pode dar-se ao luxo de descer dos próprios ombros os velhos e pesados andares, para ficar apenas com o resguardo, mais espaçoso, da linguagem da racionalidade econômica e do realismo (ou cinismo?) político. E não deixa de ser sintomático que a escolha do candidato presidencial passe do Alto Comando das Forças Armadas (as reservas morais da nação) para os executivos das grandes empresas estatais e outros altos burocratas.

Ora, essa mudança de linguagem do sistema confunde a muitos. Alguns dos antigos opositores engrossam a corrente das aberturas, por afinidade tácita com as relatividades, gradualismos e salvaguardas, outros, porém, por insuficiência de crítica. E já que falamos de teatro... Longe de mim condenar que os artistas, até há bem pouco sem qualquer amparo diante da faltoniana censura, procurem proteger-se com os cobertores e guarda-chuvas que se lhes oferecem, ou outras alternativas ainda mais discutíveis.

O que é de se lamentar é a ligeireza de algumas opções, pois, nossa própria História, não muito distante, talvez mostre com clareza que nossas chuvas requerem abrigos mais sólidos. — "O Santo Inquérito" exemplifica bem algumas das confusões e armadilhas que nos espreitam. Se é preciso propagar as liberdades democráticas, como ele, o faz, é preciso também responder à necessidade, sempre renovada, de inquirir, mais substancialmente, sobre o que é a liberdade e o que é a democracia. Que o nosso teatro se politize, mas que seja mais exigente com sua tarefa intelectual. (Sérgio Cardoso)

NOTAS

1. Os padres da Igreja, ao contrário, não têm com elas qualquer afinidade. Elas lhes parecem como obstáculos, dificuldades, ameaça e medo, como nos faz ver outro personagem que só as pode atravessar com o socorro das embarcações; quando uma delas lhe falta, certa vez, no meio da travessia, ele se perde e se afoga, só encontrando salvação pelos braços de Branca.

2. Dias Gomes ao enfatizar a liberdade de Branca se esquece que a liberdade, nesse contexto descrito, compreende o esforço e a fadiga. O encontro com a natureza se faz no universo burguês pela mediação do trabalho, e não pela simples fruição de uma natureza dadivosa. Aqui é Voltaire a boa referência.

UMA GRAMÁTICA DO ÓPIO

Willam Wordsworth recebe uma carta datada de trinta e um de maio de mil oitocentos e três. O remetente riscou a palavra amizade, substituindo-a por alencão: meu objetivo em importuná-lo, senhor, é que daqui por diante eu possa ter a satisfação de lembrar que fiz pelo menos um esforço para obter sua atenção.

A rasura encerra um significado: primeiro recuo, pudor talvez, é mais conveniente manifestar entusiasmo literário que solicitar uma relação pessoal concreta. Thomaz De Quincey tinha lido as Lyrical Ballads. Wordsworth, seu nome está, para mim, eternamente ligado às adoráveis cenas de natureza.

Só anteontem recebi sua carta datada de trinta e um de maio, responde Wordsworth, não posso doar minha amizade; este é um presente que nenhum homem pode dar, não está em meu poder; não preciso dizer que me dará muito prazer vê-lo em Grasmere, se algum dia vier por estes lados.

Encontro mesmo só quatro anos depois; escutei passos, uma voz e então, como num raio, vi emergir a figura alta de um homem que estendeu a mão e me saudou da maneira mais cordial e com a expressão mais calorosa de boas-vindas.

Quatro anos, tanto tempo, até o encontro, um intervalo de quatro anos e meio passando até me oferecer ao convite, que me honrava, à casa do poeta; Wordsworth, esquecido, provavelmente julgou responsável pelo atraso a recente libertação de uma vida exfordiana.

De Quincey vagava por Oxford Street, madrastra de coração de pedra que ouves os suspiros dos órfãos e bebes as lágrimas das crianças. Estou livre de tudo isso. Finalmente chegou o tempo em que não tenho mais que caminhar pelas calçadas sem fim, não tenho que sonhar e acordar como um cativo da fome.

Quando tinha vinte e oito anos, uma dolorosíssima doença no estômago, que eu já havia experimentado dez anos atrás, atacou-me com grande força, escreve De Quincey, em 1821, nas Confessions of an English Opium Eater, a partir das experiências iniciadas cerca de 1804 quando um amigo recomendou-lhe ópio como analgésico: não foi com o propósito de criar prazeres, mas de diminuir a dor no seu mais alto grau, que comecei a usar ópio como um artigo de dieta diária.

As Confessions an English Opium Eater aparecem, duas partes, na London Magazine. A revista Escrita publicou-as, no Brasil, acompanhadas dos comentários de Baudelaire, extraídos de Les Paradis Artificiels.

A relação com Wordsworth não era uma relação comum, como as Confessions não são uma biografia comum: o ópio, não o comedor de ópio, é o verdadeiro herói da história.

Às vezes, em noites de luar, durante a minha primeira triste temporada em Londres, meu consolo, se assim se pode chamar, era olhar de Oxford Street para a série de avenidas que perfuravam o coração de Marylebone em direção aos campos e bosques.

Oh! sentido de misteriosa pré-existência a partir do qual, nos anos ainda estranhos a estes vales de Westmoreland, me vi como um eu fantasma — uma segunda identidade projetada de minha própria consciência e já vivendo entre eles.

A primeira consciência que De Quincey tem de si mesmo é como filósofo. Uma carta à sua mãe de 1818 sonhava ser o primeiro fundador da verdadeira Filosofia.

A única fundação, diz Hume na introdução ao Treatise on Human Nature, primeira edição 1739, é baseada, obrigatoriamente, na experiência e na observação.

Faz tanto tempo que tomei ópio pela primeira vez que, se tivesse sido um acontecimento insignificante na minha vida, já teria esquecido, mas acontecimentos decisivos não são para ser esquecidos: era um domingo chuvoso em Londres, longe de Westmoreland, longe de Wordsworth, saí pelas ruas, mais para fugir, se possível, das minhas dores, perto do Parthenon vi uma farmácia aberta: havia encontrado: uma panacéia para todos os males humanos: aqui estava o segredo da felicidade, sobre a qual os filósofos haviam discutido durante anos. Um conhecido da Universidade recomendou-se ópio.

Depois de Hume não pode haver dúvida que todo nosso conhecimento começa com a experiência, só que agora é Kant na Introdução à Crítica da Razão Pura (1787).

Baseado em Kant in seinen letzten Lebensjahrem, de Wasianski, o ensaio The Last Days of Immanuel Kant aparece na Blackwoods Edinburgh Magazine sob o cabeçalho Gallery of German Prose Classics by an English Opium Eater. O objetivo de Thomas De Quincey era difundir o pensamento kantiano.

Pressuponho que todas as pessoas de cultura manifestaram algum interesse pela história pessoal de Immanuel Kant, ainda

que pouco gosto ou oportunidade tenham familiarizado-os com a história das opiniões filosóficas de Kant.

A referência à obra kantiana é pouca; cita um trabalho, escrito aos vinte e dois anos, sobre uma questão ao mesmo tempo matemática e filosófica — a avaliação de forças vivas. Ao ser empossado na cadeira de Matemática, que trocava depois pela de Lógica e Metafísica, da Universidade de Königsberg, profere a conferência *De Mundi Sensibilis atque Intelligibilis Formâ et Principiis*, uma espécie de plataforma para a filosofia transcendental, formulada em 1871 na Crítica da Razão Pura. Em 12 de fevereiro 1804, ele morre.

Daí em diante, a filosofia é deixada de lado, ou melhor, só se manifesta pelo nome de Kant e seus atributos; os acontecimentos poderiam ser os da vida de qualquer um: filósofo ou não.

As cinco páginas do primeiro parágrafo, Thomas De Quincey se apaga, é Wasianski quem fala, descreve a lenta erosão das faculdades de Kant.

No ensaio *The Last Days of Kant*, narrador e objeto narrado se dissolvem, Wasianski loquitur, é pela máscara do amigo de Kant que De Quincey fala: meu conhecimento do Professor Kant começou bem antes do período ao qual esse pequeno memorial se refere; no ano de 1773 ou 1774, não sei qual exatamente, compareci suas conferências, depois tornei-me seu secretário.

O eu que narra o ensaio *The Last Days of Kant* é ao mesmo tempo De Quincey e Wasianski. Trata-se, sem dúvida de uma figura de sujeito, irreduzível porém a um ego empírico e a um ego transcendental. É uma falha entre esse dois substratos: a dissolução de de um sujeito empírico unitário sem, com isso, possibilitar um fundamento de caráter absoluto. A experiência com ópio produz um efeito semelhante que desafia qualquer compreensão kantiana.

Princípio de compreensão kantiano: o eu penso, uma representação capaz de acompanhar todas as representações mas que não pode em si mesma ser acompanhada de qualquer representação posterior — a unidade desta percepção eu chamo de unidade transcendental de auto-consciência, de forma a indicar a possibilidade de um conhecimento a priori dela emergir. É a superação da experiência, pois o conhecimento a priori não é o conhecimento independente dessa ou daquela experiência, mas o conhecimento absolutamente independente de toda experiência.

Kant: sistema de razão pura capaz de compreender a experiência até nos seus crimes contra a lógica. De Quincey: o assassinato da lógica. O texto on *Murder, Considered as One of the Fine Arts* se espanta com um tipo de assassinato que predominou no princípio do século XVIII: o assassinato de filósofos; pois, senhores, é um fato que todo filósofo eminente nos dois últimos séculos tenha sido assassinado ou, pelo menos, quase isto.

De Quincey dizia: minha verdadeira vocação é o exercício do entendimento analítico, mas queria destruí-lo com sutileza demoníaca e agudeza quase cruel, sentindo num momento as analogias secretas ou paralelismos que ligam coisas de outra forma aparentemente remotas.

De Quincey queria destruir os princípios normativos da lógica de tradição aristotética, baseada que é no princípio de interioridade do sujeito e do predicado: quando digo a maçã é verde, afirmo que verde é um atributo interior ao sujeito maçã. Se a maçã é verde e se o poste é verde, não se segue da que a maçã seja um poste pelo fato de terem o atributo comum verde. A proposição a maçã é um poste deve ser considerada falsa, porque o referente, o sujeito, e não o predicado, é, em última análise, o critério demarcador da verdade da proposição.

Uma citação de *The English Mail Coach*: há vinte anos ou mais, antes de me matricular em Oxford, Mr. Palmer, então membro do parlamento para Bath, realizou duas coisas difíceis em nosso pequeno planeta, a Terra, ainda que consideradas fáceis para povos excêntricos dos cometas; ele inventou a diligência postal e casou-se com a filha de um duque. Era, portanto,

um homem duas vezes maior que Galileu, que, certamente, inventou (ou, o que é o mesmo, descobriu) os satélites de Júpiter, as coisas mais próximas das diligências nos dois maiores objetivos de velocidade e manutenção do tempo, mas, por outro lado, não se casou com a filha de um duque.

Sua análise: uma identidade, ou mesmo uma hierarquia de valor, entre Mr. Palmer e Galileu, é gerada pela supressão da tradição primaziados sujeitos. O que prevalece é a identidade comparativa dos prejudicados; as diligências e os satélites de Júpiter se definem por possuírem velocidade e horário, logo Mr. Palmer é idêntico à Galileu. Mr. Palmer é mais importante que que Galileu por um atributo suplementar: ter-se casado com a filha de um duque.

A citação e sua análise mostram que De Quincey procurava uma lógica outra, uma lógica dos paradoxos.

Três instâncias da dissolução do sujeito: a experiência com ópio (me vi como um eu fantasma; uma segunda identidade projetada de minha própria consciência), o estilhaçamento do eu narrador (ópio, não comedor de ópio, é verdadeiro herói da história) e uma retórica do paradoxo.

O estilo, ou a manipulação da linguagem, diz De Quincey, tem um valor absoluto que desafia a conjugação das coisas e seus enunciados. O paradoxo é uma ocorrência que se verifica apenas na linguagem.

Uma lógica do paradoxo, necessariamente uma retórica: a linguagem emerge segundo conexões que lhes são próprias, rompendo os limites de uma linguagem designativa e sua lógica de identidades fixas.

De Káffa, um exemplo: Todas essas parábolas procuram apenas dizer que o incompreensível é incompreensível e isso nós já sabemos. Entretanto, os problemas que enfrentamos diariamente: é uma outra questão.

A esse respeito, um homem disse uma vez: Por que tanta relutância? Se seguissem as parábolas, vocês se tornariam parábolas e com isso o fim de seus problemas diários. Outro disse: Eu aposto como isso também é uma parábola. O primeiro disse: Você ganhou. O segundo disse: Mas, infelizmente, só na parábola. O primeiro disse: Não, na realidade; na parábola você perdeu.

Ao admitir a possibilidade, ainda que absurda, falsa não, absurda, de equiparar atributos — a velocidade de diligências e satélites de Júpiter — a retórica do paradoxo declara destruição ao mundo.

Como destruir o mundo físico é tornar a imaginação absoluta possível, pode De Quincey dizer que as águas mudavam seu aspecto; de lagos translúcidos, brilhantes como espelhos, se transformaram em mares e oceanos.

Sobre as águas encrespadas do oceano começaram a aparecer rostos; o mar parecia repleto de rostos, virados para os céus, rostos implorando, furiosos, desesperados, surgidos das profundezas aos milhares, por gerações, por séculos. Minha agitação era infinita, minha mente vomitava e movia-se como o oceano.

De repente percebeu-se uma vastas necrópole elevando-se do horizonte distante — uma cidade de seculpros, construída nos limites da santa catedral para os guerreiros mortos que descansaram de seus feudos na terra. A necrópole era de granito púrpura no horizonte. Logo muitas mudanças e tremia, crescendo em terraços e torres de grande altura, tamanha a velocidade. No terceiro momento, com nosso terrível galope, entramos em seus subúrbios.

O opiômano vê crinas nas ondas que chegam à praia. (Eduardo Neiva Jr.)

DECRETO ABSURDO

DECRETO no. 81316 de 08 de Fevereiro de 1978.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTISTAS PLÁSTICOS PROFISSIONAIS vem a público protestar contra a regulamentação da lei que dispõe sobre a COMISSÃO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS e sobre o SALÃO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS, elaborado pela FUNARTE, denunciar a manipulação de que foi vítima este organismo de classe quando, a pedido da própria FUNARTE, enviou sugestões que defenderiam os interesses profissionais da classe artística e possibilitariam a realização de um evento com real importância cultural.

As instituições culturais são órgãos de gestão e controle da produção artística. Esse controle é conduzido por agentes que não estão ligados diretamente à produção do trabalho de arte. Os mecanismos institucionais de arte determinam a trajetória de seu trabalho. Tais mecanismos não excluem o artista; eles o utilizam, sem que haja possibilidade para o agente direto da produção artística de intervir efetivamente. É a consideração dessa situação de fato que fornece critérios para a relação da ASSOCIAÇÃO DE ARTISTAS PLÁSTICOS PROFISSIONAIS com as instituições culturais. A Associação tem por função defender os interesses daqueles que produzem diretamente a arte e não exercer função de gestão e controle da produção artística. Sem desviar-se deste seu papel fundamental, a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTISTAS PLÁSTICOS PROFISSIONAIS tem procurado formas de investir diretamente na política de arte dessas entidades.

PEQUENO HISTÓRICO

Um grupo de artistas teve seu interesse despertado por um anteprojeto de regulamentação da lei no. 6426 de junho de 1977, distribuído a artistas e críticos pelo INSTITUTO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS. Por se afastar dos interesses da classe, tal anteprojeto provocou o protesto por carta assinada por mais de uma centena de artistas e enviada a Brasília. Em decorrência dessa manifestação a FUNARTE, através do INAP, remeteu à ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTISTAS PLÁSTICOS PROFISSIONAIS um novo anteprojeto, com o pedido de sugestão. Como consequência de estudos realizados, a Associação dos Artistas remeteu suas sugestões aprovadas em Assembléia Geral. Em 22 de outubro o INAP remeteu anteprojeto no qual acatava aparentemente a maioria das sugestões mas, por ainda apresentar disparidades a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS ARTISTAS PLÁSTICOS PROFISSIONAIS voltou a pronunciar-se com um estudo detalhado e remetido à FUNARTE em 05 de novembro de 1977. Não mais recebemos notícias. Com a passagem de dois meses, a diretoria provisória dessa associação cobrou por carta o texto final da regulamentação dessa lei. Foi com surpresa que recebe-

mos simplesmente uma cópia xerox do diário oficial que publicava o texto já sancionado pelo Presidente da República, que pouco tinha a ver com os anteprojetos anteriormente apresentados. A leitura desse decreto, pelos absurdos que contém como texto legal, pela contradição com interesses profissionais legítimos e por refletir uma manipulação do trabalho realizado por nossa Associação nos obriga a manifestar de público nosso total repúdio não só ao texto do decreto, mas ao comportamento dos que exercem cargos de comando em organismos culturais sem a devida competência. Esse fato não deverá ser visto isoladamente mas como um reflexo esclarecedor dos mecanismos de mercado que determinam a maioria dos eventos na área das artes plásticas. A necessidade de revelar esses mecanismos, sistematicamente escamoteados, foi uma das razões que provocaram o surgimento desta entidade profissional.

Nesse decreto, os artistas plásticos ficam alijados de eleger seus representantes na COMISSÃO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS e serão apenas hipoteticamente incluídos por mercê do Ministro da Educação e Cultura. Esse decreto regulamenta um Salão Nacional de Artes Plásticas e não fornece os mecanismos, como nós nas nossas sugestões havíamos feito, que o tornem realmente de âmbito nacional. Mais absurdo ainda, esse decreto alija sumariamente os iniciantes e estudantes de arte de participação, cria áreas especiais por convite não passando pelo crivo do júri e concorrendo aos prêmios quando, na nossa sugestão, as salas especiais teriam caráter histórico-didático (lacuna sistemática em eventos dessa natureza) que não concorreriam aos privilégios dos prêmios. Esse decreto autoriza o pagamento de pro-labore aos nomeados pelo Ministro da Educação para exercer funções na COMISSÃO NACIONAL e recusa nossa reivindicação de pro-labore aos participantes do salão com o intuito de ressarcir parte, pelo menos, das despesas que significam o envio de obras para exposições. Não terminaram aí os exemplos dos absurdos que o decreto regulamenta, mas no momento o que interessa a esta entidade, que congrega profissionais da área, é negar qualquer participação no texto dessa lei que obedece menos aos imperativos da nossa cultura que a interesses não confessáveis, contrários à prática profissional dos artistas plásticos. Assim, somos obrigados a reconhecer que essa lei não foi produto da inadvertência de alguns funcionários que desconhecem os problemas da arte, mas da evidente má fé daqueles que ainda subestimam a organização profissional dos artistas plásticos que representamos.

Rio, 2 de março de 1978

Comissão Diretora Provisória da

Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais

EU NÃO RECÍPROCO

Meio estranho (modo de dizer, gente) um papo que andou circulando por aí de "anistia recíproca". A fórmula consiste mais ou menos no seguinte: Tome um regime militar patrocinado por forças ligadas ao capital. Deixe descansar durante anos. Adicione, em seguida, uma crise econômica e descontentamentos entre os empresários e adjacências, mas podendo chegar ao outro bairro. Em pouco tempo surgem saídas: aberturas e novas estratégias de poder. Acrescente (besunte, seria mais apropriado) pinceladas liberais: reconciliação, Estado de direito, carta magna, etc. Aqui, já dá pra pensar a reparação de certas injustiças cometidas: nada mal uma anistia... Só que tudo deve terminar bem, afinal trata-se de uma ação entre amigos e todos merecem o "perdão". Todos, bem entendido: quem sustentava as torturas? Quem andava sorridente e pimpão na época braba do "milagre"? Os lucros, o sonante em cima do arrocho quem acumulava? Não eram os militares, os "malvados"... Pois é. Agora não vão querer dar essa de buscar culpados. Há um certo trato, né? Então: anistia recíproca, bicho, nação reconciliada, pá de cal, vamos lá, o jogo é em casa, tá certo mesmo? Falando sério. Que que vocês queriam? Cobrar posições da burguesia?

P.S. — Será que existe mesmo esse lance de luta de classes? Então quando é que vão inaugurar?

P.S. (2) — Pela anistia ampla, geral e irrestrita.

Pela volta dos exilados e banidos.
(M.A.G.)

ALTERNATIVA

Um lançamento da editora

Solicitação de Assinatura dos Cadernos do Nordeste

Pela presente, solicito uma assinatura de 4 (quatro números) dos Cadernos do Nordeste, no valor de Cr\$ 100,00.

Nesse sentido estou enviando vale postal ou cheque N° _____ a favor da Editora Alternativa Ltda., Caixa Postal 1.539 — Recife — Pernambuco — CEP 50.000.

Marque com um X os números que você quer receber: 1 2 3 4 5

Nome: _____

Endereço: _____

Profissão: _____ Idade: _____ Fone: _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Data _____ Assinatura _____ Vendedor _____

Cada assinatura de Beijo custa Cr\$ 150,00

Preencha os dados deste cupom, destaque e envie-o com um cheque nominal ou vale postal para Editora Boca Ltda., à rua Conselheiro Josino, 29/ s-205 — Fátima-20.000

Rio de Janeiro — RJ

Nome

Endereço

CEP.....Profissão.....Idade

Cidade.....Estado

beijo

BEIJO PUBLICAÇÃO DA EDITORA BOCA LTDA.

Produziram este número:

Caio Tulio Vieira Costa, Sérgio Cardoso, Eduardo Neiva Jr., Paulo Venâncio Filho, Delina Araújo, Laymert Garcia dos Santos, Noemia Mandelbaum, Eliana Ourique, Rodrigo F. Neves, Ricardo Arnt, Eliana Paiva, Maurício Villela, Vera Sayão, José Rosende, Marcos Augusto Gonçalves, Demétrio..., Luís Renato Martins, Ronaldo Brito, Julio Cesar Montenegro, Ítalo Moriconi, Fernando Mesquita, Olgária Chaim Féres Matos, Marcos Bonisson, Sérgio Araújo, Ricardo Lins, Waltercio Caldas Jr., Luis dos Santos Mermerstein, Papalégua..., Márcia..., Stella Penido, Marcos Mattei.

Redação: Rua Conselheiro Josino, 29/205 — Bairro de Fátima, Rio de Janeiro—RJ — Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S/A — Rua do Livramento, 189/203 — Rio — RJ.

Distribuição: Fernando Chignaglia Distribuidora S/A — Rua Teodoro da Silva, 907, Rio-RJ, CGC no. 2974034/0001-15.

Números atrasados e assinaturas de Beijo: no Rio — Tel.283-0700 e 226-7748; em São Paulo — Livraria Avanço (Rua Aurora), Livraria Cultura (Paulista e Consolação) Livraria Diadorin (Galeria Metrôpole); em Recife — na Editora Alternativa Ltda. (Av. Conde da Boa Vista, 50 — Sala 330); em Belo Horizonte — tel.: 226-2841; em Porto Alegre — Alberto Magno Figueiras (Rua Barros Cassal, 573/34).

Diretor responsável: Genilson Cezar; Administração: Julio Cesar Montenegro.

LINCHAMENTO DE JACAREPAGUÁ: A VIOLÊNCIA CICATRIZANTE.

ASSALTO

O ladrão morto ontem pela multidão, às 6h50, tentou assaltar o carro pagador da empresa Sup de Construção, que transportava Cr\$ 15 mil para pagar a semana dos 20 operários de uma obra sob sua responsabilidade no loteamento de número 3503 da Estrada do Cafundá. Estava acompanhado de um cúmplice, Jorge da Cruz Moreira, o "Pelézinho", e os dois não acreditavam em sucesso.

O motivo da confiança dos dois assaltantes foi o assalto contra o carro pagador da mesma empresa há 15 dias, quando, além de roubarem Cr\$ 20 mil de salários dos operários, ainda ficaram com o carro de um funcionário da firma, Jorge Bernardo da Silva Santos. Da primeira vez, haviam assaltado o carro na Estrada do Gabinal, a poucos quilômetros do local de sua segunda tentativa. Mas ontem acharam que não teriam qualquer problema em repetir a ação, desta vez quando o carro parasse na obra.

Até o momento em que renderam os três ocupantes da perua que transportava o dinheiro — os sócios da Sup, Carlos da Costa Santos e

Dario José dos Santos, além de Jorge Bernardo — tudo correu bem. Só que Dario, apesar de ter sob o banco da frente da perua Cr\$ 15 mil, resolveu enganá-los. Disse que o dinheiro já estava no almoxarifado da obra e que os três estavam vindo apenas fiscalizar o pagamento.

"Pelézinho" disse que o companheiro iria com Dario até o almoxarifado, enquanto tomava os outros como reféns. Quando os dois já se aproximavam do barracão onde Dario disse estar o dinheiro, surgiu o vigia da obra, Salvador Gomes da Silva, que saiu para comprar pão. Nesse momento, as coisas se precipitaram.

O assaltante se perturbou ao tentar render o vigia e permitiu que Dario se atracasse com ele. O vigia, aos gritos, alertou os outros operários, que vieram em socorro do patrão. "Pelézinho" ainda atirou sobre o grupo que dominava o comparsa, mas vendo que não adiantava fazer mais nada, fugiu. Os documentos o identificaram.

(Folha de S. Pau-

lo - 12.2.78)

DEFATO

um jornal mineiro, de jornalistas,
que depende do leitor

NOME _____

Profissão _____

Idade _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

CEP _____

O interessado(a) deve enviar pelo correio o cheque nominal ao jornal

DE FATO Avenida do Contorno, 2300 Fundos — Floresta — B.N. CEP — 30.000

Jornal De Fatp: registro 32.895. Editado pela Editora Textual Ltda — CGC — 19170340/0001 - 00

ASSINATURA ANUAL

\$ 60,00

COM NUMEROS ATRASADOS

\$ 120,00

DE JUSTIÇA FEITA

"O sistema penal teve por função introduzir um certo número de contradições no seio das massas e, em particular, uma contradição maior: opor os plebeus proletarizados aos plebeus não proletarizados. (...)

Por um lado o sistema penal é um fator de "proletarização": constrange o povo a aceitar o seu estatuto de proletário, as condições de sua exploração. É perfeitamente claro que desde o fim da Idade Média até o século XVIII, todas as leis contra os mendigos, os ociosos e os vagabundos, todos os órgãos de polícia destinados a persegui-los, os levaram a aceitar — era mesmo esse o seu papel — ali onde viviam, as condições extremamente más que lhes eram impostas. Se as recusavam, tinham que partir, se medigavam ou "não faziam nada", vinha a prisão e freqüentemente os trabalhos forçados. Por outro lado, esse sistema penal dirigia-se especialmente aos elementos mais móveis, mais agitados, os "violentos" da plebe; os que estavam a passar à ação armada e imediata; entre o proprietário endividado constrangido a abandonar a sua terra, o camponês que fugia ao fisco, o operário banido por roubo ou vagabundo ou mendigo que recusava trabalhar nos fossos da cidade, os que viviam da pilhagem nos campos, os pequenos ladrões e os salteadores de estrada, os que com grupos armados atacaram o fisco ou os agentes do Estado e, enfim, os que nos dias de motim nas armas e o fogo, havia todo um acordo, toda uma rede de comunicações onde os indivíduos trocavam os seus papéis.

Eram estas pessoas "perigosas" que preciso pôr de parte (na

prisão, no Hospital Geral, nas galés, nas colônias) para que não pudessem servir de ponta-de-lança aos movimentos de resistência popular. Esse medo era grande no século XVIII, foi maior ainda depois da Revolução e no momento de todos os abalos do século XIX. Terceiro papel do sistema penal: fazer com que a plebe não proletarizada aparecesse aos olhos do proletariado como marginal, perigosa, imoral, ameaçadora para a sociedade inteira, a escória do povo, o refugio, a gatunagem; trata-se para a burguesia de impor ao proletariado, pela via da legislação penal, da prisão, mas também dos jornais, da "literatura", certas categorias da moral dita "universal" que servem de barreira ideológica entre ela e a plebe não proletarizada; toda a figuração literária, jornalística, médica, sociológica, antropológica do criminoso (de que tivemos exemplo da segunda metade do século XIX e começo do XX) desempenha esse papel. Enfim, a separação que o sistema opera e mantém entre o proletariado e a plebe não proletarizada, todo o jogo das pressões que exerce sobre esta, permite à burguesia servir-se de certos desses elementos plebeus contra o proletariado; apela para eles sob forma de soldados, de policiais, traficantes, homens de ação e utiliza-os na vigilância e repressão do proletariado (...). Estas são algumas formas de funcionamento do sistema penal como sistema anti-sedicioso meios para opor a plebe proletarizada e aquela que não o é, e introduzir assim uma contradição agora segura". (Michel Foucault — debate sobre Justiça Popular com militantes maoístas portugueses — Porto — 1974)

Não é que o delegado Sérgio Fleury foi preso? Claro que seu nome hoje não tem mais o *éclat* ostentando quando das mortes de Carlos Marighela e Joaquim Câmara Ferreira. Além disso, as acusações que antes silenciosamente deslisavam pelos escaninhos da Justiça vêm sendo, de uns tempo para cá, publicamente agitadas. E essas acusações lhe dão realce na atuação do Esquadrão da Morte. Em resumo, "o delegado Fleury já foi envolvido em 10 processos criminais, acusado de 23 mortes violentas" (Jornal do Brasil, 22/2/78).

Começando a carreira policial como investigador, o delegado Fleury, por serviços prestados, foi ascendendo e ao ser preso era diretor-geral do DEIC (Departamento Estadual de Investigações Criminais) de S. Paulo. Sua indis-

pensabilidade já foi de molde a provocar uma lei, a Lei Fleury, de 1973, no. 5941, permitindo aos "réus primários e de bons antecedentes" (onde ele foi capitulado) responderem em liberdade quando pronunciados. Elogios públicos e amizades particulares de consideradas figuras da cena oficial também constam do curriculum vitae do delegado agora preso.

Muito bem. A justiça tarda mas não falta? Quem faz na Terra, paga aqui mesmo? Não é precisamente isso que me ocorre.

Penso em como o poder recorre com a facilidade a sacrifícios, mesmo de conspícuos membros seus, para manter a respeitabilidade da instituição. Afinal o sr. Fleury recebia ordens e incentivos de quem? Era elogi-

ado por que? Promovido para que? Quem-de-direito não sabia? E possível tal inocência dentro da seguinte hipótese: "Não quero nem saber".

Não, de jeito nenhum quero pedir "justiça". (A quem? Qual?) Simplesmente registrar que não propriamente novidade que a tribo leve ao altar de sacrifício um de seus pares para impedir que todos seus membros sejam atingidos pelo castigo que acham poder receber. Só que dos atuais arranjos para os sacrifícios "primitivos" vai a distância que separa a astúcia maliciosa da poesia da magia. (JCM)

P.S. Pois é, parece que ainda não chegou a hora dos sacrifícios de poucos para a manutenção da jogada mais ampla. Enquanto isso, na Nicarágua...

NOTINHA

E o pessoal-que-vive-de-mesada, hem? Estou falando de um tipo de gente que tenho observado ultimamente. (Por enquanto tenho pouco material de estudo, mas acho que os leitores do Beijo poderiam estender a pesquisa e mandar para cá suas conclusões).

Com a sobrevivência assegurada, os-que-vivem-de-mesada estabelecem relações muito particulares com o que fazem.

Em termos de opinião, sendo o caso, não são dados ao fanatismo, à adoção de uma rígida ortodoxia. Quando usam seu tempo e dinheiro para ler, discutir, assistir, ouvir, se informar, situam-se muitas vezes num

terreno onde a crítica e a política podem ser radicais.

Mas essa disponibilidade leva ao estabelecimento de relações frouxas quando pinta uma atividade continuada. Qualquer "problema pessoal" e essa atividade despinta.

Para os-que-vivem-de-mesada "trabalhar" não é "problema pessoal", é algo tipo diletantismo, ocasional, escamoteável, e só pode ser exercido na ausência de outros grilos. (Em resumo, é gente ótima para se conversar, trocar idéias, pedir sugestões, péssima para levar a frente junto um trabalho demorado e que precise de continuidade. Por isso, para mim, essas pessoas só merecem uma notinha: 3. (JCM)

DÚVIDA ATROZ

Eu não compreendo o Chico Buarque, Antonio Calado e outros terem ido a Cuba. Eles não sabiam que era proibido? Não tem carimbadão no passaporte: "NÃO É VÁLIDO PARA CUBA"?

Não entendo. Também não sei porque as pessoas defendem idéias exóticas, tiram a roupa na rua, picham paredes, fazem greves, abortos, roubam, lançam livros, peças e filmes subversivos em relação à política ou à moral, enfim, fazem coisas PROIBIDAS. Por que será que até hoje ainda não se conseguiu que pessoas com interesses diferentes dos socialmente estabelecidos se conformem em abrir mão dessas coisas que para elas são vitais? (J.C.M.)

